

Matar ou deixar viver



Marcus Vinicius Ferreira Santos

Escrito em setembro de 1999

Agradecimentos:

**A Deus, pela inspiração e motivo desta obra.
Ao Pr Jorge Henrique, da CBP – São Vicente SP,
pela correção ortográfica.**

I

Era mais um daqueles dias em que nem dava vontade de sair da cama. Fazia muito frio e chovia fino, quase um orvalho. Mas Teresa precisava ir ao médico. Tinha hora marcada para as 7 horas da manhã e não podia se atrasar. Há muito ela esperava por esta consulta.

Enquanto preparava o café da manhã, buscava na memória como fora difícil chegar até ali. Desde antes de seu casamento com Edson, como tantas moças, sempre sonhara em ser mãe. Seu rosto esboçava um leve sorriso. Os olhos chegavam a brilhar e encherem-se de lágrimas só em pensar estar segurando um bebê. Não importava se fosse menino ou menina.

Encostada ao fogão, segurando a vasilha com leite, voltou à realidade quando este derramou-se e apagou o fogo. Tinha deixado-se levar tanto no seu sonho que mesmo olhando para a vasilha, não percebeu o leite subindo.

Imediatamente pôs-se a limpar o fogão e, como que aproveitando a deixa, agilizou-se pois já estava ficando atrasada.

Neste instante Edson entra pela cozinha, ainda com os olhos meio inchados, mas já de barba feita e pronto para tomar o café. Beija carinhosamente a esposa e, sentando-se à mesa puxa a xícara para tomar seu café.

— Como será a consulta? Será que vai ser muito demorada? Será que o médico vai pedir muitos exames?

— Calma Teresa, não se preocupe tanto. Tudo vai dar certo. Somos muito abençoados por Deus hoje em dia. A medicina tem muitos recursos e Deus está do nosso lado.

As preocupações da mulher tinham razões bem fundamentadas. Desde o casamento, o casal evitou a gravidez por causa da saúde de Teresa que, com histórico de câncer na família e sofrer de diabetes, possuía fator RH negativo. Sua gravidez seria de alto risco, mas o desejo de terem um filho, ainda que somente um, falava mais alto e valeria a pena correr todos os perigos para trazerem ao mundo uma criança.

— Eu já te disse — Edson uma vez mais começou a relatar a história de Jacó e Rebeca — como Deus foi maravilhoso com eles. Veja quantos outros exemplos nós temos na Bíblia de casais que lutaram tanto por um filho e conseguiram alcançar seus desejos.

— Já sei disso tudo e também tenho pedido muitas orações na igreja, mas a gente sempre se inquieta nestas horas difíceis, né?

Teresa saiu da cozinha e foi para o quarto se trocar. Era nítido nela um misto de alegria, ansiedade e medo pelo que lhe aguardaria dali a algumas horas. Devido aos problemas de saúde, ela nunca tocara em assunto de gravidez com os médicos. Já sabia que a aconselhariam a não ter filhos. Esta seria a primeira consulta para tratar do assunto e, no fundo, tinha medo de não encontrar apoio do médico. Ter aquele filho seria tudo para ela.

Edson e Teresa sempre lutaram com certa dificuldade. Como a maioria das pessoas, eram da classe média. Ambos trabalhavam duro para ter um padrão de vida que os ajudasse a pagar as despesas que uma gravidez de risco custaria. Era com muito esforço que pagavam um plano de saúde, pois assim teriam uma assistência um pouco melhor.

Há dois anos até abriram uma caderneta de poupança a fim de irem economizando, para alguma emergência que poderia acontecer. Mesmo com o plano de saúde. — Até porque os planos de saúde estão sempre deixando a desejar — tinha dito Teresa a Edson.

Teresa era moça muito dedicada. Um exemplo de esposa. Levava mesmo a sério as recomendações bíblicas sobre o assunto. Era líder do departamento feminino de sua igreja e, em um desses encontros onde teve a oportunidade de falar com suas ouvintes, disse:

— Vamos abrir nossas Bíblias em Efésios capítulo 5 e versículo 22. Vamos ler até o verso 24.

“Vós, mulheres, submetei-vos a vossos maridos, como ao Senhor; porque o marido é a cabeça da mulher, como também Cristo é a cabeça da igreja, sendo ele próprio o Salvador do corpo. Mas, assim como a igreja está sujeita a Cristo, assim também as mulheres o sejam em tudo a seus maridos.”

— Vejam aqui minhas irmãs, que orientações maravilhosas nos dá o Senhor através de Paulo. Creio que seja a desobediência a estes princípios descritos aqui a razão de tantos desencontros e desentendimentos entre os casais. Da mesma forma, a inobservância desta palavra é a razão de um sem número de divórcios que se dão em nossos dias. Lares quebrados, mágoas guardadas por anos a fio e tantos e tantos outros problemas.

— Gosto de ir lendo as Escrituras e “mastigar bem” cada sentença, cada palavra do texto sagrado. Lembro-me de um pastor que gostava muito de usar essa expressão “mastigar”. Ele dizia que, como a própria Palavra revela, ela é alimento para nós. Ora se ela é alimento, então devo mastigar bem, porque os médicos dizem que para um perfeito aproveitamento deles, devemos mastigar bastante.

— Então, o que nos diz este texto? Ele começa “vós, mulheres, submetei-vos a vossos maridos como ao Senhor”. Preste bem atenção que a palavra usada aqui é submissão. Você já parou para ver o significado desta palavra no dicionário? Eu gosto de olhar o dicionário para saber o exato significado das palavras. Assim posso saber o que exatamente Deus está me orientado. Tomei nota do que estava escrito no dicionário sobre duas palavras: submeter e submissão. Veja o que diz.

“Submeter: Reduzir à obediência, à dependência; sujeitar. Submissão: Ato ou efeito de submeter-se (a uma autoridade, a uma lei, etc.). Aceitação de um estado de dependência.”

— Podemos então concluir, minhas irmãs, que o que Deus deseja é que levemos a sério a autoridade de nossos maridos sobre nós. Como mulher, tenho toda autoridade para dizer que o movimento feminista, em suas bases é bom, mas comete exageros. Esse negócio de mulher mandar em marido não é bíblico.

— Talvez algumas de vocês não concordem com o que estou falando, mas é o que a Bíblia diz. Provavelmente lá no fundo algumas de vocês estejam me odiando por estas palavras. O Diabo tem prazer em distorcer a Palavra de Deus, e é isso o que ele tem tentado fazer desde o princípio. Lembrem-se dele com Jesus no deserto, como ele tentou o Senhor usando os textos sagrados? O mundo quer que você faça confusão de submissão com escravidão, humilhação, desprezo... Não é isso que Deus quer de você em relação ao seu marido, mas é o que já disse anteriormente.

— No verso 23 Deus nos dá um exemplo de como essa hierarquia funciona. Cristo é senhor sobre todos nós, o marido é senhor sobre a esposa. Podemos ver também em Gênesis 3.16: (Teresa esperou que todas abrissem as Bíblias). “E o teu desejo será para o teu marido, e ele te dominará”. Se encararmos de frente o que Deus nos orienta e obedecê-lo, viveremos muito melhor. Tentar quebrar esta regra trás muito mais sofrimento do que glórias.

— Recentemente eu vi na TV uma reportagem que as americanas, de acordo com uma pesquisa, estavam, em sua maioria, frustradas com algumas conquistas feministas que conseguiram nos últimos anos. E olhem que foi nos Estados Unidos que o feminismo surgiu.

— O último versículo de nosso texto diz que *em tudo* devemos estar submissas a nossos maridos. O que seria este em tudo? Esta palavra, tudo, é muito ampla, não é mesmo? Deus poderia especificar em quais coisas devemos nos submeter. Tudo é muito forte, você não concorda? E se ele quiser que eu deixe de ser uma cristã dedicada? Este *tudo* de Deus, certamente é uma maneira a mais do Senhor nos ensinar princípios e não regras. Eu já falei em outra oportunidade que a Bíblia não é um simples livro de regras, mas de princípios. Princípios são mais valiosos que regras. Há quem já disse que regras foram feitas para serem quebradas. Princípios não.

— Neste texto fica óbvio também que Deus tem princípios para os maridos da mesma forma que nós. Como nós somos esposas, e não maridos, não precisamos discuti-los aqui. Já sugeri ao Edson que faça isso com os maridos da igreja.

— Bom, por hora é só. Fiquemos em pé e oremos, para finalizar esta reunião com a irmã Dolores.

Neste momento todas as presentes ficaram em pé. Um tanto quanto relutantes, talvez pela preguiça. Outras pareciam não ter gostado muito deste sermão. Teresa sabia que tinha tocado na ferida de algumas das presentes. Estas senhoras que gostam de mandar nos maridos, dar ordens aos pastores, enfim, serem as “chefonas” do pedaço.

Dona Margarida era uma destas. Mulher de meia idade, que dizia ser descendente de índia com português, pesava uns noventa quilos. Era forte e cheia de vigor, o que contrastava com o corpo franzino de Teresa, que não passava dos 59 quilos distribuídos em seus 1,70 metros. Aliás, em tudo estas duas mulheres pareciam bem diferentes. Teresa era morena bem clara, tinha cabelos curtos que ora pareciam castanhos, ora pretos. D. Margarida era morena

bem mais escura, mas seus cabelos eram bem pretos e lisos. Tinha olhos bem vivos e grandes e parecia enxergar até ao fundo da alma das pessoas.

O marido de D. Margarida era o seu Gegê. Homem trabalhador e muito firme na fé. Gostava de ajudar todos e quem precisasse de seu auxílio tinha certeza de que não lhes negaria. Ele e D. Margarida tiveram três filhos. Carlinhos, o mais velho, agora estava com 26 anos. Rebeca, moça muito bonita, mas que dava imenso trabalho aos pais. Abandonara a igreja no início da adolescência. O “rapa de tacho” era Paulinho, um rapaz misterioso de quem todos sabiam quase nada. Aos cultos chegava sempre atrasado, e saía sempre antes do amém.

II

Teresa e Edson chegaram ao consultório do Dr. Cornélio, um médico conservador que contava com seus 58 anos e já tratara de muitas mulheres iguais a Teresa. Dr. Cornélio também era muito sereno e tranqüilo, e sabia passar uma certa calma a todas pacientes. Era o tipo de pessoa ideal para dar uma notícia ruim.

Teresa e Edson sentaram-se no banco da sala de espera. Um pouco nervosos, reparavam nos dois quadros que estavam na parede, acima da cabeça da secretária. Eram duas fotografias de quadros de Monet. Dr. Edson gostava muito deste pintor. Ele mesmo, nas horas de folga, gostava de dar umas pinceladas — É para tirar o estresse — dizia o Dr. com um sorriso um tanto quanto vaidoso.

O casal reparou também no aquário no canto esquerdo da mesinha da secretária. Era uma mesinha estilo inglesa do século passado. No chão, um tapete persa que a esposa de Dr. Cornélio comprara quando visitaram o Egito nas férias do verão passado. Era um belo tapete com estampas de beduínos e camelos à beira de um oásis. Isso fez Teresa refletir que assim como um oásis representa alívio e descanso para os viajantes árabes do deserto, Deus também o era para eles nesse momento que o casal estava passando.

Esperaram por cerca de 10 minutos, quando a paciente que estava na sala do médico saiu. O Dr. Cornélio a acompanhou até a porta.

— Não se preocupe Maria, é só seguir à risca meus conselhos e tomar direitinho os remédios que estão na receita. Qualquer problema ligue e marque uma hora com a Andréia, tá bom assim?

— Tá bom dotor, “brigada”.

— Tchau!

— Tchau!

Ao sair, a paciente dirgiu-se à secretária.

—Tchau Andréia.

—Até logo D. Maria.

Passando por Teresa e Edson, fez um gesto de despedida, balançando a cabeça e deu um leve sorriso, quase imperceptível, que foi correspondido da mesma maneira apenas por Edson. Teresa estava agora ainda mais nervosa porque chegara a sua vez de ser atendida pelo médico. Seu medo era ouvir o que não queria.

O Dr. Cornélio chamou Andréia.

— D. Andréia, vem aqui um pouquinho, por favor.

A secretária imediatamente levantou-se em direção a sala, entrou e encostou a porta atrás de si.

— Por que será que ele chamou a moça lá dentro, Edson?

— Ora... sei lá! Deixa de cisma, “mulé”. Ele deve tá falando dessa senhora que saiu agora.

— Talvez ele esteja falando de mim.

— Falando o quê?

— Ora, sei lá...

— Então não se preocupe, vai dar tudo certo. Vamos confiar em Deus.

A secretária ficou uns três minutos dentro da sala do médico. Ao sair, olhou para o casal e disse:

— Pode entrar D. Teresa.

— Meu marido pode entrar também?

— Claro, não tem problema, não.

Teresa e Edson cruzaram a porta que dividia as salas. Era visível o nervosismo dela. Parou em frente à mesa de Dr. Cornélio e ficou em pé, imóvel por alguns segundos. Edson, meio sem saber o que fazer, imitou a esposa, até que o médico pediu que se assentassem.

Dr. Cornélio fez aquelas perguntas rotineiras que sempre fazia com suas pacientes de primeira consulta. Teresa foi respondendo a cada uma. No início todas as respostas eram em monossílabos. A medida que o tempo foi passando, via-se que o rosto da moça ia-se abrindo, e as expressões faciais tornaram-se mais suaves.

— Bem D. Teresa, realmente seu caso é delicado. Levar uma gravidez com este quadro pode ser perigoso, tanto para a Sra. quanto para o bebê. Felizmente, hoje em dia, temos muitos

recursos e, com todo o cuidado e bastante orientação, a Sra. poderá levar esta gravidez até o fim e dar à luz uma linda criança. No entanto afirmo que isto será muito difícil.

Teresa não poderia ter ouvido coisa melhor. Aquilo era tudo o que ela precisava para encher sua alma de alegria. Não mais prestou atenção no que o médico disse daí por diante. Sua mente voltou-se agora completamente para a tão esperada gravidez.

III

A missa tinha acabado havia mais de meia hora. Fernanda continuava esperando por Paulinho junto com outras duas amigas. Sentadas no banco da praça São Judas Tadeu, elas conversavam sobre os trabalhos que tinham para fazer. Ambas eram muito ativas na sua comunidade. Pertenciam à Renovação Carismática Católica.

Quando falavam sobre a campanha que se realizaria dali a uma semana, Fernanda vê que Paulinho vinha chegando.

— Tchau galera. O Paulinho vem ali. Vejo vocês amanhã. A paz de Deus.

As amigas de Fernanda confirmaram as palavras da jovem e responderam com a mesma saudação. Imediatamente Fernanda se levantou, foi em direção a Paulinho, que vinha meio que cabisbaixo, parecia um tanto quanto desanimado.

— Que foi que houve Linho? — Era assim que Fernanda o chamava. — Você parece muito esquisito.

— Não é nada não.

— É sim. Alguma coisa te aborreceu. Conta pra mim logo, heim.

— Já disse que não é nada — respondeu o rapaz num tom meio irado, meio agressivo.

— Calma, eu só quero ajudar.

Os dois ficaram por mais ou menos dois minutos sem se falarem. Começaram a caminhar em direção da casa de Fernanda, de mão dadas. Como viu que não ia conseguir arrancar de Paulinho o motivo daquela esquisitice toda, começou a contar o que havia conversado com as amigas antes de sua chegada.

— Sabe Linho, o nosso grupo jovem está preparando uma manifestação contra o aborto. Você podia ajudar a gente, convidando os jovens lá da sua igreja. A gente podia fazer uma manifestação ecumênica em prol da vida. O que ‘cê acha?

— Sei não, Fernanda. Você sabe que eu não sou muito envolvido com essas coisas. Vou na igreja porque meus pais me obrigam. E “qué sabê” mais, não sei se Deus é isso tudo que vocês falam, não.

— Vira essa boca prá lá. Que bicho te mordeu?

— É isso mesmo. Se Deus é isso tudo, é bonzinho, é..., é..., é... Por que então tanta coisa ruim acontece com as pessoas? É tanta doença, tanta desgraça...

Fernanda nunca tinha visto seu namorado tão nervoso e revoltado. Sabia que ele não era um religioso ativo. Até achava que isto era o que tornava possível seu namoro com o rapaz, que pertencia a uma igreja evangélica. Ela, uma católica praticante, sabia que tinha muitos pontos conflitantes entre as duas crenças. Se ele fosse um pouquinho mais atuante, certamente teriam um relacionamento bastante conturbado. Mas agora, essa reação tão temperamental chegou a dar-lhe um certo medo.

Durante o restante da caminhada, que durou mais uns quinze minutos, eles não trocaram mais nem uma palavra. Fernanda ficou com medo de saber o que o teria deixado deste jeito. Paulinho por sua vez remoía-se por dentro de revolta pelo que lhe acontecera de tão ruim.

Em seus pensamentos não achava justo ter sofrido um golpe tão duro como aquele. E agora, o que seria de sua vida? Como explicar a todos o que mais dia menos dia iria se tornar público e notório? Como esconder o fato de sua família, de seus amigos e colegas? Como eles irão reagir ao descobrir a sua desgraça?

Estes pensamentos foram aos poucos tomando conta da alma do rapaz, a ponto de o fazerem desligar-se completamente de tudo a sua volta. Tanto que nem percebeu como foi que se despediu de Fernanda. Ao dar por si já estava entrando pelo portão de sua casa.

Paulinho foi entrando casa adentro. Sua mãe estava na sala com a TV ligada. Ela gostava muito destes programas de auditório de domingo, mas hoje ligara o aparelho como por um ato reflexo. Sua cabeça estava no filho que desde a tarde do dia anterior não dava o ar da graça. Seu Gegê estava na cozinha comendo um cuscuz.

O rapaz entrou sem falar com ninguém. Sua esperança era que o irmão não estivesse em casa. Eles tinham que dividir o mesmo quarto e tudo o que ele queria era ficar só.

— Ei rapaz, não tá me vendo aqui não, é? Ainda sou sua mãe, viu?!

— Oi. Tô cansado. Vou dormir.

— Não senhor. O senhor vai me explicar direitinho onde passou a noite. Eu e seu pai não dormimos preocupados com você.

Neste instante Seu Gegê entra pela sala e, com uma cara feia, meio com raiva, meio aliviado, pois, aparentemente o filho estava bem.

— Onde você esteve a noite inteira? Tá pensando que eu e sua mãe somos o quê? Tá pensando que só porque já tem barba na cara não pode levar umas cacetadas? Enquanto estiver debaixo do meu teto tem que prestar contas do que faz, tá me ouvindo?

Paulinho não dizia uma palavra. Permanecia de cabeça baixa o tempo todo. Tinha muito mais para com que se preocupar do que com aquela bronca do pai.

Seu Gegê, à medida que falava ia ficando cada vez mais nervoso. Ao mesmo tempo em que exigia uma resposta, não dava oportunidade para o moço responder. Quando lhe vinha a mente a lembrança da noite sem dormir por causa do sumiço do filho, a raiva aumentava.

Não tinha sido uma noite fácil. Ele e a mulher, preocupados, passaram a noite se perguntando o que teria havido com filho. — O que será que aconteceu com esse menino? Pode ter sido preso. Quem sabe se meteu em brigas, tá no hospital, ou na delegacia. Oh, meu Pai, meu Jesus! Guarda meu filho — D. Margarida por toda a noite repetira estas mesmas palavras, enquanto o marido tentara demonstrar tranqüilidade.

— Eu fui dormir na casa de um amigo, pai. Desculpe por não ter avisado. Eu me esqueci da hora, aí já era tarde e eu não pude voltar. Os pais dele não quiseram que eu voltasse tarde. Foi só isso.

— Só isso! Só isso! Você tem coragem de dizer que foi só isso? Eu não sei como não te pego e te dou uma bela duma surra.

— Calma Gegê — tentou D. Margarida apaziguar a situação, pois o marido já estava perdendo o controle — Ele já tá aqui. Depois com calma você decide o que vai fazer. Não perde a cabeça, homem.

— Vai pro seu quarto antes que eu te pegue — sentenciou Seu Gegê.

Aquilo era tudo o que Paulinho queria. Precisava trancar-se no quarto e ficar só. Na verdade ele queria nunca mais sair de lá. Queria que o mundo acabasse ali mesmo, só assim não teria de passar por momentos ainda piores que estavam por vir.

IV

Já havia se passado dez dias desde que Teresa fizera sua visita ao médico. Desde este dia ela era só sorrisos e já começava a ficar ansiosa por causa da possível gravidez. Neste dia Edson disse que teria de chegar mais tarde. Havia marcado um culto na casa de um novo convertido que morava no outro lado da cidade. Só viria tarde da noite.

Teresa estava assistindo ao noticiário da TV. Ela gostava muito de acompanhar de perto os telejornais e manter-se sempre bem informada.

Como sempre, naquela noite ela iria ouvir uma notícia extremamente violenta.

— Mais um caso de abuso sexual infantil — dizia o apresentador do telejornal — A polícia prendeu ontem Maxuel de Assis, acusado de violentar sexualmente uma menina de apenas 13 anos de idade.

A face de Teresa enrugou-se por completo. Dentro de seu íntimo sentira uma repulsa enorme. Um certo desejo de vingança — Esse homem deve apodrecer na cadeia o resto da vida — pensou consigo mesma. — Onde vamos parar, meu Deus? Por que tanta violência?

Como que uma resposta divina, veio a sua mente o texto sagrado de Mateus capítulo 24, onde Jesus adverte que nos últimos dias estas coisas iriam acontecer com mais frequência e intensidade. Enquanto fez-se um intervalo comercial no programa, Teresa pegou sua Bíblia, abriu-a no texto lembrado e começou a lê-lo.

MATEUS 24

1 Ora, Jesus, tendo saído do templo, ia-se retirando, quando se aproximaram dele os seus discípulos, para lhe mostrarem os edifícios do templo.

2 Mas ele lhes disse: Não vedes tudo isto? Em verdade vos digo que não se deixará aqui pedra sobre pedra que não seja derribada.

3 E estando ele sentado no Monte das Oliveiras, chegaram-se a ele os seus discípulos em particular, dizendo: Declara-nos quando serão essas coisas, e que sinal haverá da tua vinda e do fim do mundo.

4 Respondeu-lhes Jesus: Acautelai-vos, que ninguém vos engane.

5 Porque muitos virão em meu nome, dizendo: Eu sou o Cristo; a muitos enganarão.

6 E ouvireis falar de guerras e rumores de guerras; olhai não vos perturbeis; porque forçoso é que assim aconteça; mas ainda não é o fim.

7 Porquanto se levantará nação contra nação, e reino contra reino; e haverá fomes e terremotos em vários lugares.

8 Mas todas essas coisas são o princípio das dores.

9 Então sereis entregues à tortura, e vos matarão; e sereis odiados de todas as nações por causa do meu nome.

10 Nesse tempo muitos hão de se escandalizar, e trair-se uns aos outros, e mutuamente se odiarão.

11 Igualmente hão de surgir muitos falsos profetas, e enganarão a muitos;

12 e, por se multiplicar a iniquidade, o amor de muitos esfriará.

13 Mas quem perseverar até o fim, esse será salvo.

14 E este evangelho do reino será pregado no mundo inteiro, em testemunho a todas as nações, e então virá o fim.

15 Quando, pois, virdes estar no lugar santo a abominação de desolação, predita pelo profeta Daniel (quem lê, entenda),

16 então os que estiverem na Judéia fujam para os montes;

17 quem estiver no eirado não desça para tirar as coisas de sua casa,

18 e quem estiver no campo não volte atrás para apanhar a sua capa.

19 Mas ai das que estiverem grávidas, e das que amamentarem naqueles dias!

20 Orai para que a vossa fuga não suceda no inverno nem no sábado;

21 porque haverá então uma tribulação tão grande, como nunca houve desde o princípio do mundo até agora, nem jamais haverá.

22 E se aqueles dias não fossem abreviados, ninguém se salvaria; mas por causa dos escolhidos serão abreviados aqueles dias.

23 Se, pois, alguém vos disser: Eis aqui o Cristo! ou: Ei-lo aí! não acrediteis;

24 porque hão de surgir falsos cristos e falsos profetas, e farão grandes sinais e prodígios; de modo que, se possível fora, enganariam até os escolhidos.

25 Eis que de antemão vo-lo tenho dito.

26 Portanto, se vos disserem: Eis que ele está no deserto; não saiais; ou: Eis que ele está no interior da casa; não acrediteis.

27 Porque, assim como o relâmpago sai do oriente e se mostra até o ocidente, assim será também a vinda do filho do homem.

28 Pois onde estiver o cadáver, aí se ajuntarão os abutres.

29 Logo depois da tribulação daqueles dias, escurecerá o sol, e a lua não dará a sua luz; as estrelas cairão do céu e os poderes dos céus serão abalados.

30 Então aparecerá no céu o sinal do Filho do homem, e todas as tribos da terra se lamentarão, e verão vir o Filho do homem sobre as nuvens do céu, com poder e grande glória.

31 E ele enviará os seus anjos com grande clangor de trombeta, os quais lhe ajuntarão os escolhidos desde os quatro ventos, de uma à outra extremidade dos céus.

32 Aprendei, pois, da figueira a sua parábola: Quando já o seu ramo se torna tenro e brota folhas, sabeis que está próximo o verão.

33 Igualmente, quando virdes todas essas coisas, sabeis que ele está próximo, mesmo às portas.

34 Em verdade vos digo que não passará esta geração sem que todas essas coisas se cumpram.

35 Passará o céu e a terra, mas as minhas palavras jamais passarão.

36 Daquele dia e hora, porém, ninguém sabe, nem os anjos do céu, nem o Filho, senão só o Pai.

37 Pois como foi dito nos dias de Noé, assim será também a vinda do Filho do homem.

38 Porquanto, assim como nos dias anteriores ao dilúvio, comiam, bebiam, casavam e davam-se em casamento, até o dia em que Noé entrou na arca,

39 e não o perceberam, até que veio o dilúvio, e os levou a todos; assim será também a vinda do Filho do homem.

40 Então, estando dois homens no campo, será levado um e deixado outro;

41 estando duas mulheres a trabalhar no moinho, será levada uma e deixada a outra.

42 Vigiai, pois, porque não sabeis em que dia vem o vosso Senhor;

43 sabeis, porém, isto: se o dono da casa soubesse a que vigília da noite havia de vir o ladrão, vigiaria e não deixaria minar a sua casa.

44 Por isso ficai também vós apercebidos; porque numa hora em que não penseis, virá o Filho do homem.

45 Quem é, pois, o servo fiel e prudente, que o senhor pôs sobre os seus serviçais, para a tempo dar-lhes o sustento?

46 Bem-aventurado aquele servo a quem o seu senhor, quando vier, achar assim fazendo.

47 Em verdade vos digo que o porá sobre todos os seus bens.

48 Mas se aquele outro, o mau servo, disser no seu coração: Meu senhor tarda em vir,

49 e começar a espancar os seus conservos, e a comer e beber com os ébrios,

50 virá o senhor daquele servo, num dia em que não o espera, e numa hora de que não sabe,

51 e cortá-lo-á pelo meio, e lhe dará a sua parte com os hipócritas; ali haverá choro e ranger de dentes.

O noticiário recomeçou, mas a partir daquele instante Teresa não prestou mais a atenção em nada. Seus pensamentos agora eram apenas na reportagem que acabara de assistir.

Ela ficou impressionada com os números. Ouviu o repórter dizer que 32 por cento dos estupros acontecem com crianças entre 10 e 13 anos e que 12 por cento com meninas abaixo dos 10 anos.

— Meu Deus, como pode? Continuava a pensar consigo mesma — são crianças ainda.

Lá pelas onze da noite Edson abre a porta, pensando que encontraria a esposa já na cama. Teresa ainda estava acordada na sala. Não conseguiu ir dormir por causa daquela notícia.

— Ué, ainda acordada? Pensei que você já estivesse até dormindo.

— Não, não fui dormir não. Vi uma notícia hoje que me deixou enauseada. Uma menina de 13 anos foi estuprada.

— É, eu também vi. Lá na casa do irmãozinho, antes de começar o culto a gente viu o jornal. Que coisa, né? É o fim do mundo.

— Como estará essa menina agora?

— O pior não é isso. O irmão Rodrigo disse que ouviu a notícia no programa do Cidinho Show e eles mostraram uma outra de 11 anos, que está grávida.

- Grávida?!
- É. Grávida. Com 11 anos de idade.
- Meu Jesus! Que horrível!
- É. E o pior é que os pais querem que a menina faça um aborto.
- Ah, isso não. Essa criança que vai nascer não tem culpa de nada. É uma vida!
- É, mas tem muita gente dando o maior apoio.
- Isso é porque eles não conhecem a Bíblia. Como pode uma coisa dessas?

O casal ficou quase uma hora discutindo o assunto. Como religiosos que eram não aprovavam o aborto em nenhuma hipótese. Mesmo se condoendo pela menina que sofrera tamanho abuso, a idéia de aborto era totalmente descartada.

— Quer saber, — sentenciou Edson — isso tudo até que me deu uma idéia. Vou propor que façamos uma discussão na igreja sobre esta questão de aborto. Precisamos conscientizar a igreja de algo tão vital. Que “qui cê” acha?

- É uma boa. Mas agora “vamo” dormir que já tá tarde, “vamo”.

V

Era ainda bem cedo quando Teresa se levantou, como de costume. Ela desde criança bem pequena aprendera a acordar “com as galinhas”, como dizia sua avó.

Teresa era moça do interior. Nasceu em uma cidadezinha bem pequena e sonhava em voltar para lá. — Cidade pequena todo mundo conhece todo mundo — dizia ao marido — e a gente não tem que se preocupar com violência.

Sempre pelas manhãs ela ficava sonhando no dia em que voltaria para sua cidade. Vária vezes sugeriu ao marido que após o término de sua faculdade de teologia, ele poderia aceitar pastorear uma igreja de lá. Edson nunca respondeu sim ou não. No fundo ele até achava uma boa idéia — mas é que já estou tão acostumado com a agitação de cidade grande! — dizia para si mesmo em seus pensamentos.

— Eu hoje fiz uma broa de milho para o café, Ed. Igualzinho a que minha mãe fazia para nós. Ainda me lembro dela, sentada à beira do fogão a lenha, mexendo a massa e me ensinado como se faz uma broinha dessas. Nossa casa não era grande, mas tínhamos nossas quatro vaquinhas leiteiras. Você tinha que ver o que que é um leitinho tirado na hora.

Edson ficava ouvindo, sem dizer nada, mas imaginando a cena. Era como se ele estivesse assistindo a um filme, tamanho era a riqueza de detalhes que a esposa lhe descrevia. Mesmo já tendo ouvido várias vezes as mesma palavras.

— Nossa casa não era muito grande. Nós não éramos ricos, mas tínhamos uma certa fartura. A casa ficava no meio do sítio. Na entrada tinha uma porteira bem grande, que eu costumava ficar sentada em cima. Logo na estrada tinha muito milho e feijão plantados. Eu adorava comer milho verde assado na brasa.

— O curral ficava na lateral da casa. Aquele cheirinho de vaca ainda está no meu nariz até hoje, acredita? — disse Teresa, colocando as mãos na cintura e olhando firme no marido, que balançando a cabeça, dá um sorriso como que dizendo “eu não acredito!”.

— A coisa que eu mais sinto saudades é do inverno. A gente assentava perto do fogão e se esquentava com o calor das chamas. Ah, meu Deus ! Será que ainda vou poder ter tudo isso de volta?

— Voltar para o interior até pode ser, mas cheirinho de vaca...

Eles sorriem e Teresa volta à realidade.

— Bem, chega de “causo” por agora. Eu não venho almoçar em casa hoje. Tenho algumas coisas para fazer e vou aproveitar meu horário de almoço.

Edson dá um beijo na esposa e sai para o trabalho. Teresa começou a cuidar de alguns afazeres. Ela entrava no trabalho mais tarde, mas neste dia resolveu não ir trabalhar. Como queria engravidar e sabia que sua gravidez seria de risco, estava querendo ser demitida do emprego. Se pedisse demissão é certo que perderia muitos direitos trabalhistas, e isso não seria bom.

VI

Seu Gegê já tinha saído para o trabalho há mais de duas horas. D. Margarida estava cuidando dos afazeres domésticos. Ela gostava de deixar tudo pronto bem cedo. Lá pelas onze da manhã o almoço estava quase pronto e ela tinha tempo para ir aos cultos de oração na parte da tarde.

D. Margarida dava muito valor aos cultos de oração, e nesse dia em especial pediu orações para seu filho.

— Num sei, não, irmãos. Paulinho chegou em casa no domingo de tarde. O pai deu um carão nele, quase bateu no menino. Aí ele foi dormir e está no quarto até agora. Alguma coisa de grave aconteceu com esse menino.

As preocupações de D. Margarida estavam lhe perturbando a alma. Ela sabia que este filho sempre fora muito misterioso. Nunca dizia onde ia, nem com quem andava. Ela e o marido sempre se esforçaram para manter os filhos nos caminhos de Deus e nos ensinamentos da Bíblia, mas nunca conseguiram grandes resultados.

Às vezes D. Margarida e Seu Gegê se perguntavam onde foi que erraram. Desde que se converteram a Jesus, quando Carlinhos ainda era bem criança, nunca deixaram de levar os filhos à igreja, principalmente à Escola Dominical — É lá que se aprende a conhecer a Palavra de Deus — dizia Seu Gegê aos filhos.

Mas, por alguma razão que os pais não sabiam bem o porquê, seus filhos lhes davam muito trabalho. Principalmente o Paulinho.

Enquanto D. Margarida orava pelo filho na igreja, Paulinho ia se levantando em sua casa. Já passava de duas da tarde e ninguém mais estava. — Isto é ótimo — pensou o rapaz. Deste modo poderia refletir mais um pouco no que fazer dali por diante. Ele tinha péssimas notícias para dar a todos, e não sabia como fazer.

A campainha tocou. Paulinho abriu a porta e deu de cara com um rapaz, mais ou menos de sua idade, com uma calça de couro preta, camiseta regata também preta e cheio de anéis, pulseiras e cordões. Era um tipo esquisito, bastante magro e com alguns trejeitos.

— O que você quer aqui Ric? Hoje não é um dia legal.

— Eu sei, mas a gente precisa conversar.

— Eu não quero conversar agora.

— Não precisa me esconder nada. Já sei o que te aconteceu. Essas coisa não se consegue esconder por muito tempo. Sempre te avisei que era melhor descer do muro e principalmente tomar cuidado.

— Olha cara, num vem você também me encher — Paulinho responde ao amigo já meio irritado — Já chega o que tive de agüentar do meu pai.

— Calma! Eu só vim para dar uma força.

— Pois não tá dando força nenhuma.

Não demorou muito e D. Margarida entra pela porta a dentro. Olha para aquele rapaz, que nunca tinha visto antes, sentado na sala.

— Boa tarde — diz D. Margarida, um tanto surpresa.

— Boa tarde.

Ela vai encaminhando-se para o quarto afim de se trocar. Quando volta não vê mais o amigo de seu filho.

— Quem era aquele rapaz que estava aqui?

— Era só um amigo meu, mãe.

— Que moço esquisito — diz enquanto se dirigia para a cozinha para preparar um café.

— Mãe, vou sair e só volto de noite. Tchau.

— Você já almoçou?

— Já — mentiu o rapaz.

Na cozinha D. Margarida fazia seu café mas com os pensamentos no filho. Talvez ela sempre soubera da vida que o filho levava, mas como que numa autoproteção, negava a si mesma que o filho pudesse estar metido em uma vida promíscua.

Mas agora, desde este susto que ela tomou, começou a suspeitar do filho. Bem que vinha notando que ele estava emagrecendo. — Será que ele está envolvido com tóxico, meu Jesus? — disse em voz alta, sozinha em frente a pia da cozinha.

— Ah! Meu Deus, não deixa meu menino se envolver com estas coisas, não.

A mulher terminou de fazer seu café. Encheu uma xícara bem grande e bebeu tudo, enquanto comia alguns biscoitos, com uma fisionomia de medo misturada com preocupação.

Paulinho foi até um posto de saúde longe de sua casa. Não queria ninguém conhecido vendo-o entrar neste lugar, por isso tomou cuidado de ter certeza de que não fora seguido.

— Oi. Onde eu pego resultados de exame? — perguntou para uma funcionária do posto.

— É ali ó — respondeu uma senhora de meia idade, apontando com o indicador.

O rapaz andou em direção ao local indicado. Era uma sala, com uma porta fechada até a meia altura por uma espécie de portão com uma tábua em cima. Ao lado havia uma janelinha de um metro por cinquenta centímetros de altura. Uma atendente chegou o rosto até à janelinha e lhe disse:

— Pois não, senhor.

— Vim pegar o resultado do exame.

A moça perguntou-lhe o nome, mas ele disse um número.

— Ah sim, só um momento, por favor.

A atendente foi buscar o exame e ao entregar o resultado disse-lhe que poderia entrar na sala ao lado e conversar com um médico que o atenderia em seguida.

Paulinho não precisava nem mesmo abrir o exame para saber que seu teste HIV dera positivo. Mesmo já prevendo esta situação, o rapaz não pode se conter. Seu rosto que já parecia abatido, transfigurou-se numa expressão indescritível de tristeza e decepção. Um pensamento saltou como uma bomba atômica dentro de sua alma:

— Eu tenho Aids ! Eu tenho Aids!

A vontade do rapaz era sair correndo gritando como um louco. Seus pensamentos mudavam tão rápido que ele não conseguia processar uma idéia por mais que uns segundos.

Sem perceber entrou pela sala a dentro, sentou-se numa cadeira velha de madeira, apoiou os cotovelos nos joelhos, as mãos coladas nas laterais do rosto, começou a pensar com mais calma.

— O que eu vou fazer? Como vou contar a meus pais? O que vai ser quando eles descobrirem? Quando eu vou morrer? E a Fernanda? Aquele maldito do Beto. Por que ele fez isso comigo? Meu Deus, meu Deus, meu Deus... — dizia para si mesmo em seus pensamentos.

A medida em que os minutos iam passando, Paulinho começou a pensar como tudo acontecera. Como foi o início de tudo que o levou a este momento tão desesperador.

Tudo começou aos nove anos de idade, como brincadeira de criança. Seu pai, apesar de já ser um crente, nunca parou para sentar com os filhos e dialogar a respeito de muitas coisas, principalmente sobre a sexualidade.

Paulinho e mais alguns garotos sempre que iam brincar numa pedreira abandonada nas proximidades de casa, tinham o hábito de se acariciarem mutuamente. Isso aconteceu apenas assim por algum tempo, depois transformaram-se em carícias mais profundas, até o dia em que as crianças fizeram sexo para valer.

O tempo foi passando e o garoto foi crescendo, no entanto não conseguiu mais abandonar aquele comportamento.

Paulinho não teve coragem o suficiente para assumir uma homossexualidade total. Preferiu levar uma vida dupla, aproveitando-se de que morava em uma cidade grande, o que facilita esconder seu comportamento dos parentes e vizinhos.

Mesmo assim algumas pessoas mais próximas estavam desconfiando, por isso ele resolveu arrumar uma namorada. — Isto o ajudará esconder sua segunda identidade — aconselhou o amigo Ricardo, a quem Paulinho chamava de Ric.

Há seis meses um dos companheiros de Paulinho, Beto, desapareceu misteriosamente. Alguns diziam que ele se envolveu com coisas da pesada e por isso teve que “sumir do mapa”. Mas a notícia fatídica veio mais tarde por um primo distante.

— Ele morreu. Morreu de Aids. Esse sumiço dele é porque tava internado, já em fase terminal.

— Mas antes dele sumir ele tava parecendo bem de saúde — chegou a se assustar e desacreditar Paulinho quando soube da notícia.

— É, só que ele teve um resfriado forte e precisou ir ao médico, pois suspeitou de pneumonia. E era pneumonia mesmo. Foi internado e a coisa foi rápida.

Quando soube do fato, Paulinho ainda demorou um pouco para digerir todas estas revelações e procurar um médico. Só o fez por agora, quando percebeu que começara a perder peso de forma abrupta.

A omissão do pai foi o que contribuiu muito para este desvio no comportamento do garoto. Seu Gegê pensava que pelo simples fato de agora serem crentes os meninos estavam a salvo de toda influência do mal. Seu único papel seria então o de levá-los à igreja.

— Por que meu pai não cuidou de mim, meu Deus? Por quê? Por quê? — sussurrou Paulinho com os olhos cheio de lágrimas.

Neste momento a atendente chama Paulinho para entrar na sala do médico. Ela precisou chamar o nome dele duas vezes para que o rapaz ouvisse. Alguns segundos mais foram precisos para que a ordem da atendente fosse processada pela mente do rapaz e seus músculos se movessem. Era muito grande a tristeza e abatimento daquele moço.

VII

Fernanda reuniu mais quatro amigas em casa nesta tarde. Elas precisavam discutir algumas estratégias para a passeata que pretendiam fazer em prol do não aborto em qualquer circunstância.

Ela tinha em mente a firme convicção que o aborto é pecado. — É uma vida que está para vir ao mundo. Seja qual for a situação, ninguém tem o direito de tirar a vida de outro — dizia para as amigas com uma eloquência de dar inveja a muitos profissionais da oratória.

— Minhas amigas, nós precisamos conscientizar todo mundo da importância desta passeata. Estou até pensando em ir a Brasília na semana que vem, para ajuntar-me com o grupo que vai até à Câmara dos Deputados para protestar.

— É isso aí, amiga. E se precisar de ajuda financeira a gente apoia.

Enquanto as meninas faziam os cartazes e folheavam umas revistas sobre gravidez infantil para colherem dados para suas campanhas, Edson chegava em sua casa.

— Oi querida — saúda a esposa e dá-lhe um beijo.

— Oi Ed. Como foi no trabalho hoje, tudo bem?

— Hoje foi um dia pesado, mas tudo bem. Tive tempo para colher um material sobre o aborto. Sobre aquela idéia que a gente discutiu, lembra?

— Lembro, lembro. Que jóia. Quando você pensa em fazer isso?

— No próximo domingo, que que cê acha?

— Legal, cê “qui” sabe.

— Bom, vou tomar um banho.

— Ó, vou para a aula. Já deixei a janta pronta. Cê si vira aí?

— Pode deixar.

— Tchau.

— Tchau.

Teresa saiu em direção a uma escola de primário perto de sua casa. Lá ela dava aula para alfabetizar adultos. Tinha uma classe com sete alunos. Seis mulheres, que eram D.

Georgina, D. Maria dos Prazeres e D. Tatá, que já passavam dos sessenta anos de idade. A Zica e a Adelaide tinham 23 e 29 anos. Tinha o Seu João, com 53 anos e o mais novo de todos era o Tonhão, com 21 anos.

Teresa gostava muito de dar aulas para estas pessoas. Dizia que estava ajudando a libertar uma pessoa da prisão do analfabetismo. E como se sentia grata ao ver, principalmente os de mais idade, quando já muitos pensam que não prestam para mais nada, aprenderem a escrever e até mesmo ler um jornal.

— D. Teresa — disse o Tonhão — será que posso ir na sua casa buscar um livro “preu” ler?

— Claro que pode Tonhão, pode sim. Amanhã eu estarei lá o dia todo. Pode ir.

Se Teresa soubesse o que lhe aguardaria para o dia seguinte, não teria dito isto ao seu aluno. Já há algum tempo Tonhão vinha planejando como conseguiria estar a sós com a professora. Este papo de livro era só um pretexto.

No dia seguinte, lá pelas três da tarde, Teresa ouviu batidas na porta. — Deve ser o Tonhão — pensou.

— Oi Tonhão, entra. Veio pegar o seu livro, né? Que bom que você está mesmo fazendo isto. Ler é...

Teresa não pode continuar a frase. Sem que ela pudesse perceber Tonhão deu-lhe um soco no rosto, pegando em cheio o olho da frágil mulher. Teresa perdeu as forças das pernas. Deu dois passos atrás e caiu, tonta, no chão da sala. O livro em suas mãos caiu próximo a mesinha do telefone.

O agressor pega Teresa pelos braços, levantando-a com certa facilidade. Diz:

— Tem muito tempo que eu desejo a senhora. E vai tê que sê agora. Se a senhora “grita”, eu te mato.

Teresa ameaçou mesmo assim pedir por socorro, mas não pode continuar. Um outro tapa em sua boca a fez silenciar. Sabia que não poderia vencer seu oponente.

O agressor arrastou Teresa até a cozinha. Queria fazer o que veio fazer lá, pois caso chegasse alguém, poderia fugir pelos fundos com mais facilidade e rapidez.

Violentamente, Tonhão rasga as roupas de Teresa e, em alguns minutos estupra aquela jovem senhora sem a menor complacência. Antes de sair, para ter certeza de que não correria risco, desfecha-lhe um último soco, que faz Teresa perder os sentidos.

Caída no chão, nua e ensangüentada, Tonhão a observa por alguns segundos. Passa o braço pela boca, como quem se limpa, recompõe-se e sai pelos fundos, tomando o cuidado para não despertar a atenção de alguém que porventura pudesse passar por ali.

Enquanto isso, em seu local de trabalho, Edson aproveita umas horinhas de folga para meditar no assunto que pretendia falar para os irmãos de sua igreja. Ele questionava em seus pensamentos sobre muitas coisas. Muitas dúvidas pairavam em sua cabeça.

— Será que Deus já criou um espírito para cada criança que vai nascer? Ou será que de uma certa forma nós é que criamos o espírito?

Enfim chegou a hora de voltar para a casa. Edson arruma suas coisas, assina o livro de ponto e se encaminha em direção à porta de saída.

— Até amanhã pessoal — despede-se dos colegas que retribuem a cortesia, alguns verbalmente, outros apenas com um aceno de mão ou balançam a cabeça.

Hoje mais do que nunca Edson está com bastante pressa. Quer muito conversar mais com a esposa sobre o assunto do aborto e também pesquisar um pouco mais em seus livros para encontrar, senão respostas, ao menos princípios cristãos para o tema.

VIII

Edson começa a virar a chave na porta, já desabotoando sua camisa. Estava meio quente naquela tarde e ele queria ir direto para o chuveiro. Mal acaba de entrar e bater a porta atrás de si, chama pela esposa.

— Teresa. Teresa.

Não obteve resposta.

— Tereeesa. Você está em casa — pergunta já meio preocupado. Ele sabia que a esposa o estaria esperando.

Edson termina de tirar a camisa e coloca-a em cima do sofá. Vira-se em direção ao quarto e chama por Teresa mais uma vez, mas não obteve resposta.

— Onde será que esta mulher se meteu — chegou a pronunciar em voz alta — não podia ao menos ter me ligado para dizer onde ia.

Edson vai em direção a cozinha. Queria beber um copo de água. Quando ultrapassa a porta vê sua esposa caída ao chão. Imediatamente seu coração disparou. Seu rosto, numa expressão assustadora e preocupada enruga-se completamente. De imediato ele corre em direção da mulher, gritando seu nome.

— Teresa, Teresa! Fala comigo. Meu Deus, Teresa! Teresa!

Lágrimas começam a se formar em seus olhos. No apavoramento Edson não sabe o que faz primeiro. Perturbado, ele ainda não se deu conta do que pode ter acontecido. Ele apenas quer socorrer a esposa.

Alguns segundos após, quando os sentidos começam a funcionar racionalmente, Edson corre até o telefone e chama uma ambulância.

— Pelo amor de Deus, vem depressa. A minha esposa. Ela tá desmaiada.

— Calma meu senhor — diz a voz do outro lado da linha — não estou conseguindo entender...

— É a minha esposa, ela tá caída na cozinha. Ela tá desmaiada.

— Onde o senhor mora? — pergunta a atendente.

Com muita dificuldade Edson consegue repassar os dados necessários para que a atendente pudesse solicitar o atendimento da ambulância. Enquanto isso ele volta até a cozinha. Somente agora ele dá conta de que algo grave aconteceu além de um desmaio. Era como se o choque lhe roubasse o entendimento.

Edson percebe melhor que a sua esposa fora espancada, estava nua e sangrava. Sua primeira reação foi sentar-se ao lado da esposa e chorar.

— Ô meu amor, o que aconteceu com você, hein? Fala prá mim — dizia com uma voz meiga, enquanto acariciava o rosto de Teresa.

Edson levantou-se, foi buscar alguma coisa para cobrir o corpo da mulher, pois não queria que os médicos a encontrassem daquele jeito. Pegou um lençol no quarto colocou sobre o corpo da esposa. Pensou em levá-la dali, mas não teve forças para esta reação. Após estes minutos passados, sua mente parou de funcionar.

Despertou-se da inércia ao ouvir a sirene da ambulância. Imediatamente correu até a porta da sala e viu, a uma pequena distância, aquele carro branco vindo em sua direção. Gesticulou freneticamente para o carro e correu para abrir o portão da casa.

— Vem depressa doutor, ela está na cozinha. Tá machucada e sangrou bastante. Ainda tá desmaiada.

— Tudo bem senhor, tudo bem. Agora a gente cuida de tudo. Ela vai ficar boa.

Os auxiliares foram logo tirando a maca e correram para dentro da casa. O médico, logo que viu Teresa já sabia o que acontecera.

— Vamos levá-la para o hospital. Depressa.

— Posso ir também, doutor? — perguntou Edson.

— Claro, claro. Não só pode como deve.

No hospital Teresa foi logo encaminhada para os primeiros exames. Já na ambulância o médico dizia que ela deveria ir para a CTI, e foi exatamente isto que aconteceu. O motivo seria uma traumatismo craniano, causada pela queda ao chão quando Tonhão deu-lhe o último golpe.

As horas iam passando e Edson cada vez ficando mais nervoso. Queria saber notícias da esposa, mas os médicos não lhe davam uma palavra, a não ser um “estamos fazendo todo o possível e assim que tivermos um diagnóstico falaremos com o Sr.”.

Já passava das onze e meia quando chegaram dois policiais que se aproximaram de Edson. Eram da polícia civil.

— Sr. Edson?

— Sim, sou eu.

— Podemos falar com o Sr. um minutinho.

— O que que foi — perguntou Edson um tanto assustado.

— Nós precisamos saber o que houve exatamente, para dar início às investigações.

Os policiais fizeram muitas perguntas. Edson respondeu algumas, mas como estava num momento bastante delicado, não pode ajudar o suficiente. Os policiais se despediram e disseram que voltariam a interrogá-lo mais tarde.

Finalmente veio um médico para dar notícias de Teresa.

— Sr. Edson, podemos conversar agora. Vamos até aquela sala ali — disse o médico apontando com o dedo a direção.

— O que aconteceu com a minha mulher, doutor? Ela está bem, não está?

— Calma Sr. Edson, calma. Vamos lá que eu explico tudo.

O médico contou em detalhes o estado de Teresa. Disse que ela sofreu uma traumatismo craniano e por isso estava inconsciente. Ele explicou o motivo pelo qual Teresa deveria ficar em coma induzido, mas Edson não entendeu. A única coisa que sabia era que a esposa estava em uma CTI, e isso era gravíssimo para ele.

— Quanto tempo ela vai ficar assim, doutor?

— Vai depender da evolução do quadro clínico de sua esposa. Mas, como já disse, ela está estável e isso é muito bom. O melhor agora é o Sr. ir para casa, descansar e amanhã teremos mais notícias.

Edson não queria deixar o hospital, mas entendeu que não havia nada mesmo que pudesse fazer. Pediu apenas se poderia vê-la.

— Agora é melhor não, Sr. Edson. Amanhã, ou melhor, de manhã, lá pelas 10 horas, o Sr. poderá fazer isso. Siga meu conselho. Vai prá casa, tenta dormir. O Sr. vai precisar de descanso. Se quiser posso receitar um calmante...

— Não precisa — interrompeu Edson — obrigado.

— Até logo, então.

— Até logo.

IX

Eram nove horas da manhã. Paulinho levantou-se, foi até a cozinha e tomou um pouco de café com leite, sem a mínima vontade, mas apenas para não dar motivos de alguma queixa da mãe. Seu estado emocional era bastante delicado e por qualquer coisa poderia se descontrolar. Era tudo o que ele não queria nem podia fazer.

— Bom dia, meu filho.

— Oi mãe — respondeu o garoto entre dentes.

— O que que tá acontecendo com você. Desde aquele dia que você deu aquele susto em nós que tá aí todo estranho... Anda “cabisbaxo”... Fala “poco”...

— Né nada não, mãe. Coisa à toa. Ó, vou dá uma saidinha e volto pro almoço.

— Onde cê vai?

— Na casa de um colega. Tchau.

— Olha lá nhem! — Alertou D. Margarida, já com ares de preocupação e desconfiança.

A mãe de Paulinho sabia que estava acontecendo algo de sério com o filho. É este sentido que só as mães têm. E isto a estava deixando ansiosa, mas como iria questionar o filho? O que estaria acontecendo de fato? Ela não tinha as respostas, e estava com medo de descobri-las.

Paulinho foi se encontrar com Fernanda. Ela estava em casa preparando os cartazes para a manifestação contra o aborto. Quando ele chegou, a namorada estava conversando com uma amiga sobre o tema.

— Não podemos deixar de protestar contra estes assassinatos. Só Deus tem o direito de tirar a vida de alguém. A criança está sem a mínima defesa. Mesmo em caso de estupro, ela não tem culpa de nada. E é uma vida que está para nascer.

Neste momento ela foi interrompida pelo namorado. Logo ao vê-lo percebeu o seu abatimento e disse:

— Nossa Paulinho, o que é que você tem. Parece que vai morrer — brincou sem saber como estas palavras doeram ainda mais no rapaz.

— Nada não — limitou-se Paulinho.

— Senta aí e ajuda a gente.

— Olha, cê sabe que eu não me envolvo com estas baboseira — disse em tom de irritação. Tenho coisa mais importante prá pensar.

Estas palavras esfriaram o ânimo da conversa, mas as moças continuaram mesmo assim. Quando terminaram os planejamentos, Fernanda despediu-se da amiga e marcaram novo encontro, agora para decidirem os detalhes finais da manifestação, que seria em poucos dias.

— Agora você quer me contar o que tá acontecendo?

— Vou ser curto e grosso. Vim aqui para terminar com você.

Fernanda teve um choque. Assim, sem mais nem menos; sem motivo algum. Ela olhou para Paulinho, tentou dizer alguma coisa mas não conseguiu formar uma frase.

— Antes que você diga alguma coisa, não tem nada com você, não. Sou eu mesmo que não quero mais nada. A gente não pode mais continuar...

— Mas, “pêra” aí, — interrompeu Fernanda — eu fiz alguma coisa. Por que isso que cê tá me dizendo?

Paulinho segurou firme os ombros de Fernanda. Olhou-a por alguns segundos bem dentro dos olhos e disse:

— Eu tenho Aids.

Foi como uma punhalada atravessasse o coração da moça. Ela franziu a testa, abriu a boca em uma expressão de susto, surpresa e incredulidade, mas não disse uma palavra.

— É isso mesmo que você ouviu. Eu... tenho...Aids!

Lágrimas começaram a se formar nos olhos de Fernanda. Se alguém pudesse ouvir sua mente neste momento perceberia que parecia como um estádio cheio de gente, cada um gritando uma coisa diferente ao mesmo tempo.

— Eu não posso te contar como foi que aconteceu, por favor não me pergunte como é que foi. Aconteceu. Já fiz você sofrê demais. O melhor agora é a gente não se vê nunca mais.

— Ah é! — Irrompeu a moça. Pois não é assim não tá ouvindo. Você vai sentar aqui e me explicar tudo direitinho. Eu tenho o direito de saber.

— Olha, não dificulta as coisa mais do que elas já estão, tá.

— E o que você esperava. Você vem e me dá uma notícia desta e quer que eu fique bem, como se tivesse ganhado um presente?

— Pretas atenção — disse Paulinho com raiva — não me força tá ouvindo. Eu não quero falar. Poderia ser pior se eu continuasse te enganando. Não “vô fala” mais nada. Só vim aqui prá te “dizê” isso. Tchau.

Paulinho deu um meio empurrão em Fernanda e saiu rapidamente. Ela, num instante de controle entendeu que era melhor deixá-lo ir. Precisava esfriar a cabeça. Era muita desgraça de uma vez só.

Enquanto caminhava para a casa de Ric, Paulinho tentava pensar num jeito de contar aos pais que estava doente. Mas como? Tentar esconder seria impossível. Adiar a conversa só serviria para prolongar o sofrimento. Foi então que lhe ocorreu simular um suicídio. O susto e as condolências que isto causaria diminuiriam o impacto da revelação sobre a Aids.

Sem pensar duas vezes decidiu mesmo levar adiante este plano maluco. Assim que se encontrou com o colega, convenceu-o a ajudar adquirir algum tranquilizante qualquer. Ele iria tomar umas dez drágeas de uma só vez e, quando ficasse recuperado, ainda no hospital, revelaria à sua família que tentara o suicídio justamente porque contraíra Aids.

X

Uma semana havia se passado e só agora Teresa pode sair da CTI do hospital. Edson recebeu a notícia pelo telefone, e sem mais demora foi visitar a esposa, levando um buquê de flores e um largo sorriso estampado no rosto.

Ao chegar na portaria do hospital pediu com ansiedade para ir até ao quarto da esposa. Queria muito poder abraçá-la e beijá-la novamente. O casal passou pelo pior momento de suas vidas e tudo o que Edson queria agora era demonstrar todo o seu amor pela esposa.

— Sr. Edson — disse o médico — o Sr. não poderá ficar muito tempo. Além do trauma físico, sua esposa está abalada psicologicamente. Tente não falar nada que a faça lembrar do acidente.

— Pois não doutor, eu só quero ver como ela está.

— Muito bem. O Sr. só poderá ficar com ela 5 minutos. Depois nós precisamos conversar.

— O que que é doutor? É coisa grave?

— Primeiro vá ver sua esposa, depois nós conversamos.

Edson não disse mais nada e foi imediatamente ao quarto da esposa. Abriu a porta apenas uns vinte centímetros e bem devagarinho; colocou apenas a cabeça para dentro, enquanto com a mão esquerda segurava o trinco da fechadura, com a direita as flores que trouxe; olhou para Teresa, que estava com seus olhos fechados, porém não estava dormindo.

Bem lentamente, Teresa foi virando o rosto em direção à porta, abrindo igualmente lento os olhos. Ao ver o marido, sorriu para ele, o que deu a Edson o sinal de que deveria terminar de entrar.

— Oi meu amor, que saudades! Disse Edson enquanto se inclinava para beijar o rosto ainda um pouco inchado de Teresa.

— Eu também senti sua falta — respondeu Teresa com a voz embargada.

— Você vai sair logo daqui, não se preocupe. Logo, logo eu vou te levar pra casa. Olha o que eu trouxe para você!

Edson colocou as flores em cima de um criado ao lado da cama. Ele disse algumas palavras de ânimo para a esposa, mas não permitiu que ela falasse muito. Teresa estava realmente muito abalada.

— Meu amorzinho, eu preciso ir. O médico disse que você precisa descansar bastante. Assim que ele deixar eu volto para te ver e te levar prá casa.

Teresa, confirmou com um sussurro e Edson deu-lhe mais um beijo na testa. Levantou-se, olhou para a esposa por mais alguns segundos e saiu de costas, sempre olhando com muito carinho para Teresa. Parou por alguns instantes junto a porta e finalmente se despediu dizendo “a paz do Senhor”, como é costume de sua igreja.

Ao passar pela portaria, pediu informações sobre como poderia encontrar o médico que estava tratando de sua esposa. A atendente pediu-lhe que esperasse pois iria chamá-lo pelo telefone.

— Sr. Edson, sente-se, por favor.

— Obrigado.

— Sr. Edson... como o Sr. sabe, sua esposa foi vítima de um estupro. Além de todos os traumas físicos e emocionais que tal ato traz, o pior deles é que o risco de uma gravidez é muito alto.

Edson arregalou os olhos e foi visível que estas palavras o assustaram. Por incrível que pareça, e talvez por causa da preocupação com o estado de saúde da esposa, ele ainda não tinha pensado nisto. O médico continuou:

— É bom que o Sr. procure alguma ajuda para lhe orientar caso este incidente venha ocorrer. O Sr. está me entendendo?

Edson não respondeu ao médico, apesar de ter ouvido as palavras. Era outro duro golpe que ele acabara de receber em tão pouco tempo. Imediatamente veio-lhe à lembrança o tratamento para engravidar que Teresa estava fazendo. Daí por diante sua mente passou a ligar fatos uns aos outros e a única coisa que ele pode dizer foi:

— Não, isso não! Minha esposa não pode estar grávida, meu Deus, isto não.

— Calma Sr. Edson, não estou dizendo que ela está grávida, apenas para o Sr. começar a pensar nesta hipótese.

— Mas doutor, a Teresa estava fazendo tratamento para engravidar. E agora?

Desta vez quem levou um choque foi o médico. O que dizer a este homem que estava visivelmente abatido? Foi preciso um certo tempo para tranquilizar Edson, mas não mais conseguir fazê-lo pensar que a gravidez era uma hipótese. Para ele isto já era uma realidade.

Com muito custo o médico convenceu Edson a ir imediatamente pedir ajuda. Como já soubesse que ele era evangélico, aconselhou-o pedir orientação ao pastor de sua igreja. Enquanto isto ele resolveu que não daria alta para Teresa até que ela pudesse realizar exames de gravidez.

Edson chegou em casa e foi imediatamente ligar para o seu pastor. Ele estava extremamente perturbado com tudo o que lhe aconteceu. Eram muitas as perguntas.

— Alô, o pastor Francisco por favor.

Edson ouviu quando o filho caçula do Pr. Francisco gritou: — Paieeh, telefone “prô” ‘cê.

— Pronto — respondeu do outro lado da linha após alguns segundos.

— A paz do Senhor, pastor.

Pr. Francisco reconheceu a voz de Edson e cumprimentou-o com a mesma saudação.

— Eu preciso muito conversar com o Sr. Se for possível hoje a noite ainda.

— O que houve, algum outro problema mais grave? — Pr. Francisco temia pelo pior e já até tinha conversado com sua esposa a respeito.

— O médico me disse que há uma grande possibilidade de Teresa engravidar. Pastor, se isto acontecer eu não sei o que fazer. Não tenho estrutura para suportar e nem sei se ela também terá.

— Calma Edson, não podemos sofrer de véspera. Podemos, sim, nos encontrar hoje à noite. Pode ser na sua casa. Eu vou até aí.

— Obrigado pastor, eu estarei esperando. Lá pelas sete da noite está bom “prô” Sr.?

— Tá. Às sete, então.

— Então a paz do Senhor.

— A paz do Senhor.

Edson desligou o telefone mas não a mente das preocupações que agora se maximizaram ao extremo. Começou a relembrar a conversa com o médico no hospital e do primeiro pensamento que lhe veio quando recebeu a notícia: retirar esta criança.

Seus pensamentos lhe indagavam como poderia suportar tanta dor. Não era justo o que lhe acontecera. Uma única chance de ter um filho com a esposa que tanto amava foi violentamente arrancada. Se Teresa engravidasse de fato ela teria que fazer um aborto.

Edson começou a pensar também em quem poderia ter feito tanto mal a sua esposa. Justamente Teresa que era um doce de pessoa e, até mesmo por ser uma cristã autêntica, nunca andava com roupas ou maneiras provocantes. Todos os vizinhos e conhecidos sabiam que ela era uma crente fiel.

Edson resolveu telefonar para a delegacia de polícia para ver se tinham alguma informação sobre o bandido que fez tal mal à sua esposa.

O delegado, após uma longa espera no telefone, disse que já tinham um suspeito. Era um dos alunos da classe de alfabetização em que Teresa dava aulas duas vezes por semana.

— Uma das alunas de Teresa, D. Maria dos Prazeres disse ter ouvido que um tal de Antônio Carlos, vulgo Tonhão, dizer que iria buscar um livro com sua esposa no dia do crime. E esse elemento sumiu do bairro. Os parentes dizem que ele foi visitar seus pais no nordeste.

— Mas é só isso? Vocês não vão até o nordeste para prender este sujeito?

— Sr. Edson, não é assim tão fácil como o Sr. pensa. O Sr. não precisa nos ensinar nosso trabalho.

— Mas isto é um absurdo, meu Deus! — Edson alterou o tom da voz e ficou bastante nervoso, o que fez com que o delegado também se impacientasse.

— Olha aqui Sr. Edson, sua esposa não é a única pessoa nesta cidade a sofrer um ato de violência. O governo não paga salário para que tenhamos um detetive para cada crime. Então o Sr. vai ter de ter paciência. E se me permite, eu tenho muito trabalho a fazer.

O policial praticamente desligou o telefone na cara de Edson, o que o deixou ainda mais indignado. Com tantos problemas de uma só vez, ele pôs-se a chorar, foi até seu quarto e ajoelhou-se ao lado da cama para orar, porém não conseguiu expressar nenhuma palavra.

Ficou nesta posição até quase umas seis horas. Levantou-se devagar e foi tomar um banho, pois dali a pouco o Pr. Francisco viria para conversar com ele.

XI

Fernanda não vira mais Paulinho desde o dia em que ele terminou o namoro com ela. Mesmo sentindo muito a perda do namorado, ela estava bastante envolvida com a passeata contra o aborto que seu grupo iria fazer pelas ruas da cidade. Ela até se aproveitou da separação para se refugiar no trabalho.

Sempre que chegava da escola, ela e as amigas se reuniam para confeccionar cartazes e faixas; bolar palavras de ordem e se prepararem para refutar todos os argumentos pró aborto.

Elas tinham visto pela televisão que uma lei permite que em caso de estupro ou risco de morte da mãe, esta pode optar pela interrupção da gravidez. E agora está o maior fuzuê porque alguns parlamentares propuseram a discussão deste fato.

De tanto falar sobre o assunto, um dos professores de Fernanda resolveu, uns dias antes, fazer um debate em sala de aula sobre o tema.

— Vocês vão estudar sobre o assunto. Vejam nas revistas, jornais e TV. Peçam opinião dos parentes, vizinhos e amigos que na próxima aula nós vamos debater sobre o tema. Ok?

Era tudo o que a moça queria, uma oportunidade de falar e tentar influenciar o maior número de pessoas possível. Quando chegou o dia do debate, Fernanda estava visivelmente ansiosa para falar .

— Como é que pode quererem legalizar um crime contra uma criança indefesa. E ainda por cima com dinheiro dos contribuintes — argumentava Fernanda em sua classe. Que culpa tem a criança se a mãe foi violentada?

— Mas, e se a mãe correr risco de vida — argumentou um colega — não seria o mesmo que um suicídio?

— É obvio que não. Suicídio é um como se fosse um auto-crime premeditado. Não tem nada a ver com o caso aqui.

A discussão se alastrou por toda a aula, mas Fernanda se deu por satisfeita, mesmo que este tempo tenha sido tão curto. Pelo menos ela conseguiu se fazer ouvir. Ela chegou a citar o fato de ter visto na TV muitas mulheres que foram vítimas de estupro e engravidaram mas não abortaram, e elogiou o ato de coragem delas.

Fernanda ficou sabendo do que aconteceu com Teresa por intermédio de Rebeca. Elas até que não eram muito íntimas, mas depois que terminara com Paulinho, Fernanda procurava se encontrar com ela todos os dias, para ver se recebia notícias do ex-namorado.

O interesse por este caso veio por ser algo de concreto em que ela poderia participar e dar sua opinião. Por isso pediu para Rebeca ver se conseguia apresentá-la ao Edson. A melhor maneira de fazer isso, segundo Rebeca, era fazendo uma visita à Igreja no próximo domingo, o que ficou acertado entre as duas.

Fernanda, apesar de não ter sido impedida pelo ex-namorado de não guardar segredo sobre a Aids, sabia que não deveria se precipitar. Estava dando um tempo para ver se as coisas se ajeitavam. Ela sabia que Paulinho deveria estar passando uma fase terrível, e que assim que sua cabeça esfriasse ele voltaria a procurá-la.

Porém Fernanda nem ao menos imaginava em que circunstâncias Paulinho foi contrair esta doença. Na verdade ela nem mesmo pensou nisto. Ainda não havia se dado conta que a Aids só se pega em certas circunstâncias muito específicas, e não desconfiou do namorado, nem ao menos foi procurá-lo para fazer qualquer pergunta.

Nesta tarde Fernanda estranhou que Rebeca estava bastante atrasada para o encontro que haviam marcado, por isso resolveu ligar para a casa da vizinha daquela e pedir para chamá-la.

— É da casa da Zizi? Você pode chamar a Rebeca para mim, por favor.

— Quem tá falando?

— Diz que é a Fernanda.

— Olha, não tem ninguém lá, não, viu. Parece que aconteceu alguma coisa com o Paulinho e ele tá no hospital.

Fernanda levou um susto. Ficou nervosa e perguntou aflita sobre o que aconteceu com o rapaz.

— Parece que ele tomou uns remédios forte e tentou suicídio, mas não tá grave não. Ele tá no hospital.

Fernanda pegou o nome do hospital e se dirigiu para lá o mais depressa que pôde. Ela desconfiava do motivo pelo qual o rapaz tentara suicidar-se, mas não sabia como reagir. Só pensava agora em revê-lo e conferir se estava tudo bem.

Entrou como um foguete pela portaria e deu de cara com Rebeca que estava sentada na portaria do hospital.

— Rebeca, meu Deus, o que que aconteceu? Como que o Paulinho está?

— Ah, Fernanda, ainda bem que você chegou. O Paulinho está em coma. Ele bebeu uns remédios ontem a noite...

— Por que ele fez isto, me conta — interrompeu Fernanda, assustada e bastante nervosa.

— Não sei. Ele chegou em casa ontem e eu vi que ele tava com uma caixa de remédio na mão, tentando esconder pro pai e a mãe não ver. Eu pensei que fosse droga. Ele foi pro quarto e eu desconfiei, mas não falei nada. Pensei que fosse cisma. Mas alguma coisa me dizia que ele tava aprontando. Primeiro porque ele sempre chega mais tarde e depois porque fica assistindo TV até tarde. Ontem ele não fez nada disso. Ai eu falei prá mãe e ela entrou no quarto dele e ele tava lá todo mole com a caixa de remédio no chão.

— E agora, como ele tá?

— Não sei. O pai e a mãe estão lá dentro conversando com os médicos.

Rebeca abraçou Fernanda, e começou a chorar novamente. Fernanda foi tentada a contar o possível motivo desta tentativa de suicídio, mas conteve-se e preferiu aguardar por mais notícias. Ela e Rebeca assentaram-se na espera do que viria mais adiante.

Quando D. Margarida e seu Gegê saíram, Fernanda se levantou e foi ao encontro deles. Deu um abraço em D. Margarida, cumprimentou o Seu Gegê e perguntou como estava Paulinho.

— O médico disse que ele não tá bem, minha filha — disse D. Margarida com lágrimas nos olhos, apoiada em seu Gegê.

— Mas por que este menino foi fazer uma coisas desta? — indagou com um misto de tristeza e esperança o pai do rapaz.

Fernanda bem que sabia. Tentou conter-se para não dizer nada. Apenas levantou os ombros querendo dizer “não sei”. Mas nesta hora não podia deixar de falar a verdade. Mesmo que num momento de grande tristeza como este.

— Olha gente, eu acho que sei porque o Paulinho fez isto.

— Ué, por quê? — perguntou D. Margarida.

— Bem... é... não sei como dizer. É... que...

— Fala logo menina — replicou Seu Gegê meio nervoso e impaciente.

— Bom... é que ele me disse que contraiu Aids.

— O que que 'cê tá dizendo? — D. Margarida, enrugando a testa perguntou com incredulidade.

— Você tem consciência do que está dizendo, moça — disse Seu Gegê como que acusando Fernanda de estar levantando uma falsidade.

— Olha, vocês me desculpem por está dizendo isto assim, mas é melhor que vocês saibam. Talvez o Paulinho vá me odiar por ter contado para vocês, mas talvez seja por isso mesmo que ele tentou se suicidar.

— Olha aqui você — disse D. Margarida — você é que não tem idéia que que está dizendo. Meu filho não tem nada disso não tá ouvindo. Nós somos crentes e ele é... é....

D. Margarida não pode terminar a frase. Pois sabia que não poderia pôr a mão no fogo pelo filho.

O clima ficou tenso por alguns instantes e não se ouviu nenhuma palavra entre eles por certo tempo, até que Rebeca resolveu quebrar o gelo.

— Olha, gente. Pessoal, vamos esperar que o Paulinho vai melhorar e depois ele conta prá gente porque fez isso, né?

— Bem, então eu vou embora — disse Fernanda — depois eu ligo lá para a casa da Zizi e você me dá notícias dele, tá Rebeca?

Rebeca balançou a cabeça em sinal de sim. Fernanda deu um tchau para todos e saiu em direção a sua casa. Seu Gegê e D. Margarida disseram que também iriam para a casa e Rebeca preferiu ir dar umas voltas pelas ruas próximas — para espairecer a cabeça — disse.

XII

Eram sete e sete da noite quando a campainha da casa de Edson tocou. Era o Pr. Francisco que estava chegando como havia combinado. O Pr. Francisco eram um homem sério, muito cuidadoso com os membros de sua igreja. Era querido por todos e fazia de tudo para dar sempre o melhor para o seu rebanho.

Desde que se tornara pastor, há cerca de vinte anos, nunca passou por um momento tão difícil como este. Na noite anterior ficou até altas horas estudando sobre o assunto e procurando na Bíblia, com muita oração, palavras e respostas para dá-las a Edson, e posteriormente, à Teresa.

Edson convidou o pastor para entrar e sentar-se. Ofereceu-lhe algo para beber.

— Um cafezinho vai bem, obrigado.

Enquanto Edson foi até a cozinha para trazer o café, deu tempo ao pastor fazer mais uma breve oração-relâmpago: — Oh Senhor, ponha as palavras certas em minha boca.

— Aqui pastor, espero que esteja do seu gosto.

— Está, está sim — respondeu o pastor após um primeiro gole. Então, já tá um pouco melhor agora, depois desta semana?

— Até que eu estava mais animado, mas depois do que o médico disse, eu nem não sei como estou me sentindo. Parece que estou anestesiado. Como é que uma coisa desta pôde acontecer. Será que Deus nos abandonou? Será que cometemos um pecado muito grave, para merecermos tanto sofrimento.

— Bem Edson, eu não pensava em entrarmos neste assunto assim tão depressa, mas já que você perguntou, vamos começar por elas então.

Pastor Francisco começou explicando que os acontecimentos terríveis que o casal passou nada têm a ver com castigo ou abandono por parte de Deus. Ele começou citando texto em que Deus demonstra todo o amor que sente por todos os seres humanos. Sejam crentes ou não crentes, afinal, disse ele, quando Cristo morreu pela humanidade, todos eram, e de certa forma ainda são, pecadores. O fato é que, não Deus, mas Satanás é que é o responsável por

todo o sofrimento e maldade no coração do homem. Tudo de mal que acontece é culpa, em última instância, do Diabo e seus demônios.

— O que aconteceu com Teresa foi fruto de um espírito de violência que tomou posse desta pessoa. Por alguma razão, que nós não podemos dizer, Deus permitiu que sua esposa fosse vítima deste ato tão violento.

O Pr. Francisco continuou dizendo que, como no caso de Jó, apenas Deus sabia a causa de todos os sofrimentos pelos quais ele passou. Perdeu tudo em um só dia, até a vida dos filhos que tanto amava. E não foi por causa de algum pecado que Jó tenha cometido, ou muito menos porque Deus o tivesse abandonado.

— Jó talvez nunca tenha sabido de tudo o que aconteceu nas regiões celestiais. Nós sabemos porque o autor do livro, pela graça do Espírito Santo, nos revelou. O importante foi que, ao final de tudo, Jó foi engrandecido pelo Senhor e recebeu uma recompensa, duas vezes maior do que a que tinha antes.

Edson sentiu-se mais confortado pelas palavras do Pr. Francisco, mas ainda tinham muito o que conversar. Talvez o pior ainda estava por vir. E se Teresa estivesse mesmo engravidado? Como seriam as suas vidas dali por diante? Este trauma certamente os acompanhariam pelo resto de suas vidas. Edson já pensava num futuro ainda distante.

— Como será olhar para a barriga de minha esposa e ver uma criança, filha de um monstro que violentou e quase matou minha esposa? Como poderei sentir outra coisa senão ódio por esta criança que roubou talvez a única chance de eu ter um filho com minha esposa? Meu Deus, pastor, eu não vou agüentar.

Pr. Francisco fez silêncio por algum tempo. Realmente estas perguntas não tinham respostas prontas. Não se tratava apenas de uma vida, a da criança, que estava em jogo, mas a vida de um casal que, muito provavelmente perderia a única chance de terem um filho.

— Pastor, eu não sei, mas se de fato Teresa estiver grávida, eu vou pedi-la para tirar esta criança.

— Calma Edson, não se precipite. Talvez isto não tenha acontecido.

Conhecendo bem o casal e o tratamento que Teresa estava fazendo, o próprio pastor não achava esta possibilidade tão remota assim.

— Pastor, o que a Bíblia fala sobre isto? O aborto é mesmo pecado? Onde na Bíblia está escrito isto?

— Tá certo que na Bíblia não usa a palavra aborto, mas diz que não devemos matar...

— Ok, mas quando mesmo uma criança passa a ser uma alma vivente? Quando o espírito entra na pessoa? Fiquei pensando a respeito disso.

Edson continuou dizendo que refletiu muito sobre este assunto. Seus argumentos se baseavam em que momento o espírito passa a existir. Será que já existem espíritos e almas prontas no céu, esperando que um casal fecunde(X) um óvulo e aí esta alma e este espírito passam a habitar o corpo da pessoa que está em formação? Ou será que a fecundação não é só física, mas o homem tem também a capacidade de dar vida, trazer a existência, uma alma e um espírito? Argumentou também que se Deus pode perdoar qualquer pecado, porque não poderia perdoar um aborto, caso ele viesse a ser praticado.

O Pr. Francisco balançou a cabeça, coçou os cabelos já grisalhos e disse:

— Bem Edson, como já disse em várias oportunidades, nós, homens não temos todas as respostas para todos os problemas da humanidade. Cabe buscarmos a Deus e contar com o auxílio do Espírito Santo para nos dirigir nas tomadas de decisões difíceis como a que você está vivendo agora.

Pr. Francisco seguiu dizendo que o máximo que poderiam fazer agora era orar e pedir a Deus que tomasse conta da situação. Ele compreendia os sentimentos de Edson, caso uma gravidez realmente acontecesse. Não seria fácil aceitar aquela criança, que por mais inocente que fosse, não poderia tirar as razões e os traumas que foram abertos no casal.

Quanto a dizer se seria correto ou não abortar a criança, o pastor disse que não poderia dar nenhum conselho. É certo que Deus pode perdoar qualquer pecado, até mesmo um aborto, mas nas circunstâncias em que Edson cometeria este pecado, o pastor também não tinha orientação de Deus para dizer alguma coisa.

— Veja bem, Edson. Seria muito fácil para mim chegar aqui e dizer a você: é pecado meu irmão. Não faça isto. Deus vai cuidar desta criança e vai curar a ferida em vocês. O fato é que não aconteceu comigo. Se de fato sua esposa engravidou e vocês quiserem tirar esta criança, eu não sei como Deus vai tratar com vocês. Agora, se vocês decidirem que superarão toda a dor, ou que pelo menos estarão dispostos, todo o sofrimento e lembranças amargas que

este incidente lhes trouxe, e quiserem que esta criança viva, podem contar comigo para o que der e vier.

— Quero apenas dizer que, neste momento, vocês e somente vocês têm uma oportunidade que muitos não têm: a de verdadeiramente dar a vida, ou tirá-la. Se Teresa está mesmo grávida, aquela vidinha dentro dela está nas mãos de vocês. Pense bem a respeito. Ore bastante e, com toda certeza, Deus lhes dará direção.

Edson não disse nada por algum tempo. De cabeça baixa deixou que lágrimas corresse por sua face. Pr. Francisco ficou observando e sentiu um terrível aperto no coração por causa de todo o sofrimento que ele estava passando. Pr. Francisco ficou pensando que deve ter sido algo parecido o que Deus sentiu ao ver o homem pecar, ou a multidão negar Jesus no momento em que Pilatos o apresentava a ela e deixou que escolhessem alguém para ser solto. Um dor profunda na alma, que parece que nunca mais será tirada.

Como nenhum dos dois dissesse algo mais, Pr. Francisco passou a mão por sobre os ombros de Edson e o puxou para junto de seu peito. Com a outra mão sobre a cabeça do sofrido irmão, orou por ele e por sua esposa.

— Senhor Deus, eu imagino que uma dor igual a esta o Senhor sentiu ao ver teu Filho naquela cruz, rejeitado pela multidão. É incrível que foi justamente este sofrimento que nos trouxe a paz. Agora é este teu filho aqui que está sentindo uma dor terrível. Pai, eu não tenho palavras para consolá-lo, mas sei que o Senhor as tem. Teu Espírito é o nosso Consolador Eterno. Consola teu filho que aqui está. Visita sua esposa naquele leito de hospital. Não deixa que sobre eles venha dor maior do que possam suportar. Dá a eles a sabedoria que vem do Alto, para decidirem o que tu farias no lugar deles. Eu confio em ti. Amém.

Aqueles dois homens ficaram assim por cerca de uns dez minutos. Enquanto Edson chorava, Pr. Francisco, abraçado a ele, lhe passava a mão pelos cabelos, como se fosse um pai que acaricia um filho. Quando Edson se acalmou um pouco mais, Pr. Francisco o convidou para ir dormir em sua casa.

— Muito obrigado pastor, mas acho que prefiro ficar aqui. Assim terei mais tempo a sós com Deus. Eu estou precisando.

— Está bem, então. Mas se você se sentir muito só, nem precisa avisar. É só bater na porta lá de casa.

— Pode deixar. Se precisar, eu vou mesmo.

XIII

Naquela noite o Pr. Francisco demorou pegar no sono. Só foi conseguir dormir lá pelas duas da manhã, pois não conseguia parar de pensar no que acontecera ao casal Edson e Teresa. Durante boa parte de sua insônia esteve em oração por suas ovelhas e também tentando entender porque algo tão terrível pudesse ter acontecido.

Pr. Francisco adormeceu sem perceber e, de repente, num instante, ele acorda assustado, suando muito, e no rosto uma expressão um tanto assustadora. Mesmo assim sua esposa não conseguiu despertar, o que ele achou melhor.

— Meu Deus! O que é isto que o Senhor me revelou! — sussurrou o pastor.

Ainda estava escuro, e ao que parece, Pr. Francisco dormiu apenas o suficiente para receber de Deus uma revelação muito especial em sonhos. Durante este sonho, um homem falava com o pastor e explicava-lhe tudo o que ele pediu em suas orações naquela madrugada. O pastor não conseguia vê-lo direito, pois parecia que de todo o seu corpo uma luz resplandecente e muito branca e forte emanava em todas as direções. Ele possuía uma voz poderosa, grave, forte como um trovão, e dizia:

— Meu servo Francisco, ouvi o teu clamor e vim para te revelar o porquê destas tribulações que têm ocorrido. E não será somente esta. Outras ainda estão por vir. Porém nada tem que temer. Nem você nem aqueles que confiei em tuas mãos. Eis que estão todos seguros, pois eu os tenho guardado. Tenho guardado aqueles que também têm guardado o meu nome.

— Desde que tu passaste, juntamente com toda a Igreja a me buscar com grande clamor, e desejado desfazer as obras de Satanás, eu tenho entregue em tuas mãos muitas potestades. Porém é grande a acusação que se levanta por parte do inimigo contra vocês. Satanás tem ordenado aos seus demônios que te ataquem com violência, e alguns destes ataques eu tenho permitido que tu e a igreja os sofra. Um primeiro é o que aconteceu a Edson e Teresa. Quero que tu os console, mas eu mesmo tratarei com eles, e lhes direi o que devem fazer, e se me obedecerem, serão grandes testemunhas do meu poder. A seu tempo tudo se ajeitará. Saiba porém que muitos outros demônios atacarão a Igreja. Espíritos de prostituição, de rebeldia, enganadores. Lobos se levantarão, deixando seus disfarces, se mostrarão sedentos

por devorar minhas ovelhas. A ti compete cuidar delas. Saiba que requererei de ti o sangue de cada uma delas, caso negligencies o dom que te dei. No entanto, se te mostrares fiel, e cuidares bem do rebanho que te tenho dado, grande será a tua recompensa.

Sentado à beira da cama, Pr. Francisco ficou por longo tempo meditando nesta revelação em sonho profético. Isto jamais lhe acontecera antes, e foi algo, ao mesmo tempo que assustador, por demais maravilhoso.

Há apenas três meses ele sentiu a necessidade fazer algo mais palpável no que dizia respeito a batalhas espirituais. Tudo começou quando o pastor resolveu atacar de frente os demônios que se escondem atrás dos ditos santos católicos. A partir daí grandes coisas ocorreram no meio da igreja a qual pastoreia. Por palavras de profecia, visões e agora por este sonho, Deus mesmo tem dado as estratégias para derrotar os principados e potestades de que nos fala Paulo em Efésios 6.12: “pois não é contra carne e sangue que temos que lutar, mas sim contra os principados, contra as potestades, contra os príncipes do mundo destas trevas, contra as hostes espirituais da iniquidade nas regiões celestes.”

Agora ficou claro para o Pr. Francisco o motivo de tal sofrimento que o casal de sua igreja sofrera. Mas, como Deus mesmo recomendou, ele não poderia fazer nada, a não ser consolar os dois e deixar que o Senhor cuidasse de tudo. Porém, o pastor ainda não sabia que outro duro golpe estava a caminho: os acontecimentos com a família de seu Gegê.

XIV

Bem cedo na manhã daquele dia, D. Margarida telefona para a casa do Pr. Francisco e, desesperada conta tudo o que aconteceu. Ela pediu a ele que viesse até ao hospital para orar pelo seu filho e conversar com o pastor.

No telefone, D. Margarida tenta explicar o que aconteceu, mas não consegue ser bem clara. Então o Pr. Francisco pede a ela que se acalme que dali a pouco estaria chegando ao hospital.

Ao desligar o telefone, Pr. Francisco, ainda assentado no sofá de sua sala, apoia os cotovelos nos joelhos, une as mãos e diz em voz baixa:

— Meus Deus, meu Pai, mais uma investida do inimigo contra nós. Nos ajude Senhor.

— O que está acontecendo, Francisco? — pergunta Cleonice, a esposa do pastor.

— É o filho de D. Margarida, o Paulinho.

— Sei, aquele rapaz caladão e meio misterioso? O que que houve?

— Ele está no hospital. Tentou suicídio.

— O quê?! — Cleonice chegou a gritar, de tão surpresa que ficou. Mas este rapaz parece tão tímido. Por que ele fez isto?

— Não sei. D. Margarida estava muito nervosa e não conseguiu falar direito. Ela disse que ele tomou vários comprimidos de um remédio e está no CTI.

— Meu Deus!... Que coisa, enhim!

— É, Cleonice. E pode se preparar que vem mais por aí. Senta aí que eu vou te contar o que Deus me falou nesta noite.

O pastor passou então a falar com a esposa tudo o que Deus lhe disse no sonho. Depois caminharam até a cozinha e enquanto Cleonice preparava o café da manhã, os dois conversavam a respeito do que significariam estas coisas.

Enquanto conversavam, compreendiam a causa de muitas tribulações e dificuldades que iam passando. Desde que a igreja começou a combater de verdade aos demônios, perceberam as lutas irem agravando-se.

— É isso mesmo. Satanás não está contente conosco. Temos derrubado suas fortalezas nesta cidade e ele vai tentar nos destruir. Mas Deus já nos disse que se o obedecermos, ainda veremos muitos sinais maravilhosos.

— Pode ter certeza que sim — arrematou o pastor.

Acabado o café da manhã, o pastor foi tomar um banho e se arrumar para ir ao hospital. Mesmo sabendo que estavam enfrentando um momento muito delicado, primeiro com o caso de Teresa, e agora esta tentativa de suicídio de Paulinho, por outro lado o pastor tinha uma razão de júbilo: eles estavam incomodando o império das trevas.

É claro que o pastor preferia que nada disso estivesse acontecendo, mas, lembrando-se de um momento na vida do apóstolo Paulo...

II CORINTIOS 4

6 Porque Deus, que disse: Das trevas brilhará a luz, é quem brilhou em nossos corações, para iluminação do conhecimento da glória de Deus na face de Cristo.

7 Temos, porém, este tesouro em vasos de barro, para que a excelência do poder seja de Deus, e não da nossa parte.

8 Em tudo somos atribulados, mas não angustiados; perplexos, mas não desesperados;

9 perseguidos, mas não desamparados; abatidos, mas não destruídos;

10 trazendo sempre no corpo o morrer de Jesus, para que também a vida de Jesus se manifeste em nossos corpos;

11 pois nós, que vivemos, estamos sempre entregues à morte por amor de Jesus, para que também a vida de Jesus se manifeste em nossa carne mortal.

16 Por isso não desfalecemos; mas ainda que o nosso homem exterior se esteja consumindo, o interior, contudo, se renova de dia em dia.

17 Porque a nossa leve e momentânea tribulação produz para nós cada vez mais abundantemente um eterno peso de glória;

18 não atentando nós nas coisas que se vêem, mas sim nas que se não vêem; porque as que se vêem são temporais, enquanto as que se não vêem são eternas.

— É Senhor, nós esperamos em ti — disse de si para si, ainda debaixo do chuveiro — e não seremos enganados.

O Pr. Francisco chegou ao hospital umas nove horas da manhã e logo avistou D. Margarida assentada junto à Rebeca. Caminhou em direção a elas e, ao vê-lo, ambas se levantaram.

— A paz do Senhor, minhas irmãs. Como estão se sentindo?

— Ah, pastor, não estou nada bem. Oh! meu Deus, o que será de mim se meu filho morrer, pastor?

— Acalme-se D. Margarida. O que os médicos disseram prá senhora?

— Num sei, não. Só sei que ele está muito ruizinho. Bebeu um vidro de calmante forte e tá no CTI.

— Olha, vamos nos assentar ali. Venha, eu ajudo a Sra. Me contem o que aconteceu.

Rebeca passou a relatar desde a noite em que Paulinho chegou em casa com os remédio. Disse que não sabia o motivo de o irmão ter feito, mas que a ex-namorada falou que seria por ter contraído Aids.

— Meu Deus, isso é verdade?

— Não pode ser, pastor. O senhor conhece o Paulinho — disse D. Margarida — Como ele iria pegar uma doença dessa?

Pastor Francisco não soube o que falar. Ele precisava saber mais e neste momento muitas perguntas surgiram em sua mente, mas tinha que respeitar a dor daquela mãe. Por hora, o máximo que poderia fazer era estar ali com a família até receber as últimas recomendações médicas.

— E onde está o Seu Gegê?

— O pai foi em casa tomar um banho e se trocar. Já deve tá chegando.

Não demorou muito e o médico veio trazer notícias de Paulinho. E pela cara dele não parecia trazer boas notícias.

— Bom dia D. Margarida, como a Sra. está? — o médico cumprimentou também ao pastor e Rebeca.

— Fala doutor, como está meu filho? Ela tá melhor? Posso ir vê ele?

— Ele está estável, D. Margarida. Isto quer dizer que o quadro clínico não melhorou, mas também não piorou, mas ainda requer cuidados e é melhor ninguém entrar, para não atrapalhar os trabalhos dos médicos e enfermeiras.

— Ô doutor, ele vai morrer? Não precisa me esconder nada, pode falar?

— Calma, mãe — disse Rebeca — não é assim, não.

— É, D. Margarida. É como eu já disse: ele não melhorou, mas não piorou. Por hora é só o que eu posso dizer. O melhor é a Sra. ir para casa e descansar. Tenta dormir um pouco. A noite a Sra. volta, se Deus quiser, teremos notícias mais agradáveis para a Sra.

— Tá vendo, D. Margarida — disse o pastor — vamos pra casa. Eu levo a Sra. e lá a gente conversa melhor e podemos orar melhor também.

— Então vamos, né. Mas doutor, qualquer coisa que acontecer de novo o Sr. pede pra ligar pra gente.

— Pode deixar, D. Margarida, nós ligamos sim.

D. Margarida e Rebeca foram com o Pr. Francisco para casa. No carro, durante o trajeto, Pr. Francisco tentou saber mais detalhes do motivo desta tentativa de suicídio, mas sem ser muito insistente.

— Não sei, pastor — disse D. Margarida— Nos últimos dias o Paulinho estava meio esquisito. Ele andou levando uns amigos muito mau encarados em casa... andava nervoso... ficando até de madrugada na rua. Não quero acreditar, mas acho que ele se envolveu com drogas.

Em meio aos relatos, D. Margarida ficava como que olhando ao longe, pensando profundamente e sentindo toda a dor pela qual estava passando.

— Por que será uma coisa dessas, pastor? A gente cria os filhos com tanto sacrifício. Procura ensinar nos caminhos do Senhor, e quando eles crescem fazem isso com a gente.

Uma vez mais D. Margarida começou a chorar, por isso o pastor resolveu não perguntar mais nada e eles foram assim, em silêncio até a casa dela.

— Vamos entrar um pouco e tomar um cafezinho pastor — convidou D. Margarida. A princípio o pastor recusou, mas como insistisse muito, ele acabou descendo do carro e entrou. Não sabia que seria uma grande oportunidade de conversar com a ex-namorada de Paulinho, Fernanda.

Fernanda tinha ido até a casa do ex-namorado para saber de notícias do rapaz, chegando poucos minutos após.

Era a chance que a moça queria para pedir para ser apresentada ao casal Edson e Teresa. Por mais que Fernanda sentisse o que acontecera a Paulinho, a questão de Teresa parecia fazê-la esquecer tudo o mais.

— Bem, pastor, eu gostaria muito de conhecer este casal. Creio que o Sr. é contra o aborto também. Nós não podemos deixar, em hipótese alguma, que eles cometam este assassinato, concorda comigo?

— Bem, minha jovem — retrucou o pastor — as coisas não são bem assim...

— Como não, pastor — interrompeu a moça.

— Concordo com você que aborto é um crime. Não há um só texto, ou pretexto bíblico que aprove a prática de tal ato, mas não podemos olhar apenas a condição da criança. Os pais sofreram um agressão sem medida. Temos que levar em conta os sentimentos deles.

— Me desculpe pastor, mas aborto é crime, e crime não tem atenuantes, não.

— Veja bem, minha jovem, imagine se fosse com você. Imagine se você tivesse um sério problema de saúde e não pudesse engravidar, pois correria o risco de morrer, antes mesmo dessa gravidez chegar ao quinto ou sexto mês. Imagine que você, uma mulher temente a Deus, sincera, honesta, de bom testemunho, e que amasse enormemente o seu esposo.

— Mas, pastor...

— Deixe-me continuar.

— Desculpe.

— Imagine que você resolve arriscar tudo numa única tentativa, e se prepara para engravidar de seu esposo. De repente, um bandido, que você pensa ser seu amigo, um conhecido seu, violentamente lhe faz fazer um ato que você não quer, sob murros e pancadas, com ódio no seu olhar, parecendo um animal selvagem. Em alguns segundos lhe rouba todos sonhos que, juntos, você e seu esposo, construíram por longo tempo. Que sentimentos você estaria sentindo neste momento? Que lembranças uma criança gerada num ato de ódio e repulsa extrema traria a você? E o seu marido, como poderia criar um filho de um bandido que estuprou sua esposa tão amada?

Por alguns instantes se fez silêncio. Fernanda nunca pensara nestas circunstância tão amargas e cruéis, e naquele momento reconheceu que a dor dos outros parecem como nada para quem está de fora.

— Não estou dizendo — continuou o pastor — que aprovo o aborto. Aborto é um crime, e muito mais que isto: é um modo de os demônios se alimentarem.

— Como é que é — assustou-se Fernanda com a afirmativa do pastor.

— Existem castas de demônios que se alimentam de sangue de crianças. Certamente você já ouviu de rituais de magia negra envolvendo morte de crianças, não já?

— Sim, já vi casos pela televisão.

— A Bíblia fala de um deus, chamado Moloque, de onde se origina a palavra moleque, a quem adoravam com sacrifícios de crianças. Havia povos que faziam uma grande estátua de Moloque, com os braços estendidos e as palmas das mãos para cima. Os adoradores deste deus acendiam uma fogueira debaixo da estátua, que era de bronze, e quando as mãos estavam em brasas, colocavam uma criança viva ali.

— Que horror — disse Fernanda, fazendo uma expressão de nojo e repulsa — como pode uma coisa dessas, meu Deus?

— Mesmo assim, nós não podemos simplesmente chegar para Edson e Teresa como juízes, condenando-os sem medir seus sofrimentos.

Fernanda concordou com o Pr. Francisco. Gostou tanto de conversar com ele que disse ir fazer uma visita a sua igreja no próximo domingo. Ela percebeu que tinha razão nas suas convicções, mas que por falta de orientação, estava sendo muito radical.

XV

Logo ao sair do banho, ainda enrolado na toalha, Edson foi até sua sala e ligou para o hospital, para saber notícias da esposa. Como a resposta que ouviu foi satisfatória, ligou imediatamente para a casa do Pr. Francisco. Queria ter uma última conversa com ele e contar que tomara a decisão de abortar a criança.

Edson não tinha ido trabalhar, pois com tantos problemas não conseguiria se concentrar em suas tarefas. Já passava das 10 horas da manhã quando conseguiu levantar da cama. Não porque acordasse tarde, mas por não ter tido ânimo para se levantar. A idéia de uma possível gravidez de Teresa o estava deixando extremamente perturbado.

Edson só conseguiu ir dormir bem tarde, após orar por longo tempo. Em suas orações ele questionava Deus, perguntando porque Ele o deixara passar por tal catástrofe.

— Por que Senhor? Nós sempre fomos aplicados e podemos dizer que não temos nada do que nos envergonhar. Agora estamos tendo que suportar tanta dor. Sei que Cristo e o Senhor mesmo passou por grande sofrimento, mas como este, nem mesmo a morte na cruz!

Edson continuou fazendo seus questionamentos a Deus e, pouco antes de dormir decidiu que incentivaria Teresa a abortar. Definitivamente Edson não teria estrutura para sequer pensar na existência daquela criança.

Para Edson, esta criança roubaria a única oportunidade de ter um filho com a esposa que tanto amava. Ele sabia que a saúde de Teresa não suportaria uma segunda gravidez, sendo assim este bebê não poderia viver. Deveria ser abortado antes mesmo de completar um mês de vida.

Edson decidiu ir à tarde ao hospital e conversar com Teresa e os médicos. Nem precisavam fazer qualquer teste de gravidez. Pelo sim, pelo não, utilizariam o método mais indicado de aborto, caso não prejudicasse a saúde da esposa.

— Alô, a paz do Senhor, Edson. Como tem passado? — perguntou o pastor assim que atendeu ao telefone.

— Como poderia ser, né pastor? Minha cabeça parece que vai estourar.
Com voz branda e suave o pastor respondeu:

— Eu sei, eu sei — apertando os lábios e expressando uma fisionomia de quem sente uma dor.

— Pastor... eu já tomei uma decisão.

Por alguns segundos fez-se um silêncio mortal entre os dois aparelhos telefônicos. De um lado o pastor sentiu seu coração disparar. A adrenalina caiu em sua corrente sanguínea milhares de vezes mais rápida que um piscar de olhos. Apenas pelo modo como Edson disse “eu já tomei uma decisão” o pastor percebeu que era a pior das decisões. Mas o que fazer? O que falar? “Deus, dá-me sabedoria”, foi apenas o que deu para pensar.

— Pastor, eu não tenho estrutura para suportar uma criança nestas condições. Não tem jeito. Por mais que eu queira, eu não vou conseguir nem ao menos olhar para a cara dela. Eu... eu...

— Calma Edson, calma. Precisamos nos acalmar e não tomar nenhuma decisão precipitada. Você ainda nem sabe se Teresa está ou não grávida.

— Está pastor, eu tenho certeza que sim.

— Olha, vamos fazer o seguinte. Eu vou a sua casa hoje à tarde. Aí a gente conversa melhor, oramos juntos e vemos o que Deus nos orienta, tá bom assim?

— Vir, o Sr. pode vir, mas eu já disse o que vamos fazer.

— Tudo bem, então à tarde conversamos melhor.

— Tá bom, então a paz do Senhor, pastor.

O pastor respondeu com a mesma saudação, desligou o telefone e sentou-se em sua poltrona, uma daquelas enormes, importadas, que vira quase uma cama. Na verdade, ele precisava mesmo de uma boa cama, afinal, o Diabo resolveu pegar pesado com o Pr. Francisco desta vez. Atingir assim as suas ovelhas era o mesmo que atingi-lo também.

Por muito tempo ele ficou pensando em como lidar com o caso Edson e Teresa. Ele não podia deixar de orientar no caminho certo, mas quais as conseqüências isso traria se Edson não as aceitasse?

Só restava ao pastor orar mais uma vez, e confiar em Deus, que nunca o deixara na mão. Passou a lembrar-se da vida de Jó, que inocentemente foi de uma forma violenta atacado por Satanás. Sofreu barbaridades, mas não arredou pé da verdade, e não blasfemou contra Deus, ou encobriu algum pecado. Era isso o que ele precisava ter em mente.

Ao chegar na casa de Edson, por volta das duas da tarde, pouco antes de bater à porta, respirou fundo, pediu mais uma vez a graça de Deus, e entrou.

— Olá pastor, entre vamos. Fique à vontade.

— Puxa vida, como tá calor — o pastor tentou quebrar o gelo — pode me dar um copo de água, por favor?

— Sim, claro. Vou buscar.

Enquanto Edson foi à cozinha, Pr. Francisco aproveitou para folhear sua bíblia, procurando um texto que lhe desse referência para começar a conversa com seu anfitrião.

Edson veio com um copo em uma das mãos e uma jarra de água gelada em outra. Sentou-se na poltrona, colocou o copo em cima de uma mesinha e encheu-o para o pastor.

— Tá bom, tá bom — disse o pastor quando a água chegou até a boca do copo.

Edson deixou a jarra ao lado, a uma distância que o pastor pudesse alcançar, caso quisesse mais. Pr. Francisco bebeu toda a água do copo, segurou-o por alguns minutos em suas mãos, olhou meio sem graça para os lados, depois para o chão, ficando assim por alguns segundos. Resolveu começar falando da tentativa de suicídio de Paulinho, tentando desconversar um pouco e assim ganhar tempo para ver se alguma coisa lhe viria à mente.

Depois de cerca de meia hora, começou a entrar no assunto que o trouxera ali, emendado o assunto do caso Paulinho contanto que Fernanda gostaria de conhecê-los.

— Mas o que esta moça quer falar com a gente?

— Ele é uma militante de grupo anti aborto...

— Olha pastor — cortou Edson — já lhe disse ao telefone que já tomei uma decisão e está tomada. Não posso voltar atrás.

Pr. Francisco aproveitou está última frase e disse:

— Você disse “ não posso voltar atrás”. Isto quer dizer que a possibilidade da volta existe, mas você não pode. O que te impede? — e emendou antes que Edson dissesse algo — Seria orgulho?

Edson não deu resposta. O pastor sentiu que uma brechinha estava se abrindo. Começou relatando tudo o que tinha dito para Fernanda naquela manhã, até que Edson entendesse o que significaria um aborto. E continuou:

— Sem contar que aborto, independente de legal ou não perante a lei dos homens, mesmo que numa situação igual a sua, é um assassinato.

Edson ficou sem palavras. A única coisa que passava em sua cabeça é que ele não conseguiria aceitar esta criança, e por enquanto, nada daquilo que o pastor estava lhe dizendo, o faria mudar de idéia. Por mais verdade que houvesse em suas palavras, por mais sensibilizadoras que pudessem ser.

Mas, quando Pr. Francisco abriu a Bíblia e começou a lê-la, alguma coisa começou a mudar dentro do coração de Edson. A Palavra de Deus começava a penetrar profundamente em seu ser, tal qual diz o livro de Hebreus 4.12: “Porque a palavra de Deus é viva e eficaz, e mais cortante do que qualquer espada de dois gumes, e penetra até a divisão de alma e espírito, e de juntas e medulas, e é apta para discernir os pensamentos e intenções do coração”.

— Quero ler este texto e pretendo não falar muito, mas deixar que o Espírito Santo fale ao seu coração, até porque eu não tenho palavras para convencê-lo quanto a nada. Só Deus pode fazer isto em sua vida.

I CORÍNTIOS 13

1 Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos, e não tivesse amor, seria como o metal que soa ou como o címbalo que retine.

2 E ainda que tivesse o dom de profecia, e conhecesse todos os mistérios e toda a ciência, e ainda que tivesse toda fé, de maneira tal que transportasse os montes, e não tivesse amor, nada seria.

3 E ainda que distribuísse todos os meus bens para sustento dos pobres, e ainda que entregasse o meu corpo para ser queimado, e não tivesse amor, nada disso me aproveitaria.

4 O amor é sofredor, é benigno; o amor não é invejoso; o amor não se vangloria, não se ensoberbece,

5 não se porta inconvenientemente, não busca os seus próprios interesses, não se irrita, não suspeita mal;

6 não se regozija com a injustiça, mas se regozija com a verdade;

7 tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta.

8 O amor jamais acaba; mas havendo profecias, serão aniquiladas; havendo línguas, cessarão; havendo ciência, desaparecerá;

9 porque, em parte conhecemos, e em parte profetizamos;

10 mas, quando vier o que é perfeito, então o que é em parte será aniquilado.

11 Quando eu era menino, pensava como menino; mas, logo que cheguei a ser homem, acabei com as coisas de menino.

12 Porque agora vemos como por espelho, em enigma, mas então veremos face a face; agora conheço em parte, mas então conhecerei plenamente, como também sou plenamente conhecido.

13 Agora, pois, permanecem a fé, a esperança, o amor, estes três; mas o maior destes é o amor.

A esta altura, Edson, que estava cabisbaixo, com as mãos unidas e os cotovelos apoiados em seus joelhos, chorava profundamente.

— Edson — concluiu o pastor — sei que a sua dor é imensa, mas talvez pouquíssimas pessoas no mundo tenham a oportunidade que você terá agora: a de demonstrar a profundidade destas palavras. Especialmente os versos 4 e 7.

O pastor releu-os para Edson. Continuou dizendo que amar um, filho legítimo seria fácil, mas amar uma criança como a que ele poderia ter, isto sim seria amar no mais profundo, perfeito e verdadeiro sentido da palavra AMOR.

Edson continuava chorando tremendamente. O pastor sentiu que aquelas palavras o tocaram de maneira muito forte. Então ele fechou sua bíblia, levantou-se e disse:

— Vou deixá-lo a sós com Deus. Ele será melhor companhia do que eu. Mas pode ligar para mim assim que terminar de falar com o nosso Pai.

XVI

O pastor chegou em casa e começou a contar para sua esposa o que acontecera na casa de Edson.

— Foi uma bênção — disse ele.

Sua esposa ficou maravilhada de como o Espírito Santo conduziu as coisas, e louvou a Deus pois ele não tinha deixado o Diabo escarnecer da Igreja de Jesus.

— Mas ainda temos o caso do Paulinho — falou meio triste o pastor.

Não muito depois disso o telefone tocou. O pastor pensou que fosse Edson, mas a voz do outro lado da linha era de Rebeca.

— Alô, Pr. Francisco, vem depressa que o Paulinho tá muito mal.

— Calma Rebeca, o que houve? Onde você está?

— A gente tá no hospital. Ligaram prá gente de tarde e viemos correndo. Ele tá no CTI.

— Tá bem, já estou indo.

Pr. Francisco desligou o telefone, pegou sua pasta e as chaves do carro e saiu em disparada em direção ao hospital.

Chegando lá, notou que havia muita gente conhecida, parentes de D. Margarida. Procurou por ela ou Seu Gegê, mas viu Rebeca, num canto, chorando junto com uma outra menina. Foi em direção a ela já esperando pelo pior.

— Oi Rebeca, como está o Paulinho?

Em lágrimas a moça respondeu:

— Ele acabou de morrer.

Por mais que o pastor esperasse por esta notícia, ele não pôde deixar de levar um choque. Num segundo passou pela mente dele vários momentos da vida do garoto na igreja. É verdade que Paulinho nunca parecera um garoto comprometido, mas também nunca tinha dado dores de cabeça ao pastor.

A mãe do rapaz estava em uma enfermaria, pois não resistiu e acabou desmaiando. Já seu Gegê cuidava, junto com um irmão seu dos trâmites legais para a liberação do corpo para

o velório. Não havia mais nada que o Pr. Francisco pudesse fazer agora, a não ser dar o seu apoio espiritual.

Alguns minutos mais tarde chegou também Fernanda, e como visse o pastor em um canto meio que sozinho, aproximou-se dele. Ela havia simpatizado-se bastante com Pr. Francisco, desde a conversa que tiveram sobre Edson e Teresa.

Fernanda não parecia, mas estava arrasada por dentro. Foi tudo tão rápido que ela não conseguiu dar conta do tamanho do impacto que sofrera.

Com 18 anos de idade, Paulinho tinha sido seu primeiro namorado sério. Ela era uma daquelas moças recatadas e muito tímida. Religiosa que era, sonhava com um casamento dentro dos moldes cristãos.

Por ser uma garota inocente e inexperiente, Paulinho conseguiu manter em segredo de sua vida dupla, talvez sendo este um dos motivos que o levou a suicidar. Deve ter sentido um profundo remorso ao enganar uma moça tão singela.

Da mesma forma como Fernanda gostou do Pr. Francisco, este gostou dela. Ao vê-la vindo em sua direção até animou-se pois no hospital só havia parentes dos pais de Paulinho. Os irmãos da igreja ainda não tinham chegado.

— Oi Fernanda, como vai?

— O que o Sr. acha?

— Você era namorada dele, não é?

— É, nós namorávamos, mas terminamos um pouco antes disto tudo.

— Ouvi dizer que ele fez isso por que contraiu aids. É verdade?

— É sim, pastor. Foi por isso que ele terminou comigo. Ele chegou em casa e disse que a gente precisava se separar. Aí me disse que foi porque tinha contraído a doença.

— E ele disse como foi?

— Não disse, não. E também eu não perguntei.

O Pr. Francisco percebeu que a conversa estava deixando Fernanda ainda mais abatida. Com certeza estas lembranças eram muito amargas para serem remexidas num momento delicado como este. Mudou de assunto.

— Olha, espero você lá na igreja para uma visita. Vê se pode ir neste próximo domingo?

— Ah sim, vou ver se dá — respondeu a moça.

Não muito tempo depois apareceu um dos irmãos de D. Margarida trazendo notícia de que ela estava bem, somente, é claro, muito abalada. Disse que o velório seria no hospital mesmo. Ao lado havia um necrotério e assim evitavam muitos transtornos.

O enterro estava marcado para as 10 horas do dia seguinte, então o pastor resolveu ir para casa tomar um banho e voltar, para dar uma palavra pouco antes das 10 horas. Propôs também avisar aos membros da igreja.

Mais ou menos umas nome e meia da manhã do dia seguinte, no necrotério do hospital estavam muitos dos membros da igreja, parentes e Ric, com alguns colegas.

Sentados, ao lado da urna do filho, estavam seu Gegê e D. Margarida, que ainda tinha muita lágrima nos olhos. Os dois irmãos do rapaz, junto a mais quatro primos, estavam em pé, ao redor do corpo.

Ao saber que Ric e mais dois companheiros eram amigos de Paulinho, o pastor olhou-os com desconfiança e começou a levantar suspeitas. Porém, é claro, não disse nada.

Ao lado da esposa, pediu a um dos diáconos de sua igreja que se preparasse para fazer uma oração inicial. Olhou para os pais de Paulinho e com um sinal de cabeça, pediu para começar. Ao receber um sinal de confirmação, ajeitou o corpo, olhou firme em redor, como que pedindo a atenção. Trouxe a mão cerrada até a boca e, com a cabeça baixa, pigarreou baixinho, preparando a voz para começar a falar.

— Eu gostaria de pedir um pouco a atenção de todos por algum momento. Sabemos que é um momento muito dolorido, mas, como estes pais (apontou para seu Gegê e D. Margarida), Deus também sentiu a mesma dor ao ver seu Filho, seu único Filho entregando-se para morrer em nosso lugar.

O pastor então, pediu ao diácono que orasse e logo após abriu a Bíblia, lendo um trecho pequeno. Continuou falando por mais uns dez minutos na mesma linha de raciocínio inicial. Seu desejo era de consolar os pais, que eram muito queridos e sinceros crentes de sua igreja, mas como houvesse vários não-crentes ali, usou bem o tempo para evangelizá-los.

Quem gostou muito das palavras do pastor foi Fernanda, que a cada vez mais se interessava em visitar a igreja que o Pr. Francisco pastoreava.

Terminado o pequeno culto, D. Margarida sugeriu que fosse cantado o hino “Mais perto quero estar”, e assim fecharam a urna e o préstito fúnebre seguiu em direção ao cemitério.

Foi um enterro curto, sem maiores delongas. Tão logo chegaram ao cemitério foi feita mais uma pequena oração e o corpo foi baixado à sepultura.

D. Margarida e seu Gegê ainda choravam muito, bem como os irmãos de Paulinho alguns outros parentes. Fernanda, que caminhava ao lado de Pr. Francisco e sua esposa também mostrava-se abatida, mas resignada.

Já o pastor ainda não se dava por satisfeito. Tinha que descobrir o motivo que levou Paulinho a fazer o que fez. Certamente a doença não apareceu do nada. Como Ric e seus amigos não escondiam o jeito afeminado, as suspeitas eram fortes.

Quando todos que acompanharam o cortejo foram saindo cada um para seu destino, o pastor parou Ric e perguntou:

— Oi, você era conhecido do Paulinho?

— Era sim, por quê? — respondeu desconfiado.

— Não, por nada. Ele era um rapaz muito legal. Vocês eram amigos a muito tempo?

— Há uns três anos.

Ric começou a desconfiar das perguntas do pastor, mas como agora não tinha nada que esconder, foi logo dizendo, curto e grosso.

— Se o Sr. quer saber se eu e ele tivemos um caso, tivemos sim.

Por mais que o Pr. Francisco esperasse esta resposta, ela foi como um soco no meio do peito. Talvez pelo modo como foi dada.

— Mais alguma coisa? — falou Ric.

— Ah, não, não, nada não. Obrigado.

O pastor resolveu guardar para si o que descobriu. Pelo menos por enquanto. Não era a hora de falar nada com ninguém, mas com certeza esta revelação acabaria por estourar na Igreja.

Mais uma vez o pastor se lembrou de que Deus o havia alertado e em pensamentos agradeceu a Deus por ter sido revelado antes. Assim poderia se preparar para quando a notícia vier ao conhecimento de todos.

XVII

Edson recebeu uma telefonema logo pela manhã. Era do médico que estava cuidando de Teresa. Ele queria conversar com o casal antes de realizar alguns exames.

Imediatamente após desligar o telefone, Edson empalideceu e sua fisionomia, que já há muito era triste, tornou-se ainda mais. Ele logo percebeu que o assunto seria sobre a possível gravidez de sua esposa.

Naquele instante e nos seguintes Edson começou a meditar nas palavras do pastor Francisco, quando este lhe falou sobre o amor que não existia em seu coração pudesse nascer. Mas como seria isso possível?

Como ele poderia amar numa circunstância tão carregada de ódio?

Teresa ouviu que alguém se aproximava, por isso virou-se devagar para o outro lado da cama. Ainda muito fraca e abatida, pôde ver que Edson trazia mais um buquê de flores. Eram lindas rosas amarelas, numa arranjo muito bem feito.

Edson inclinou-se, beijou a testa da esposa e disse:

— Não sei se estas flores combinam com o momento, mas ... eu não tenho muito jeito pré'ssas coisas...

— Não tem problema — respondeu Teresa com um leve e agradável sorriso — são lindas.

Edson sentou-se ao lado de Teresa. Ficou por alguns instantes apenas fazendo-lhe carinho, sem dizer uma só palavra. Então disse:

— Nós precisamos conversar sobre um assunto muito sério. Eu acabei de falar com o médico e ele me aconselhou falar com você o quanto antes.

Teresa já sabia do que se tratava. Durante todo o tempo em que ficou internada ela também não pensou em outra coisa.

— Bem.. é que como você sabe existe a possibilidade...

Como Teresa viu que estava sendo difícil para o marido começar a falar, ela completou:

— De eu estar grávida?

— É, é isso.

— E nós temos que conversar se eu devo fazer um aborto?

Com muita dificuldade Edson concordou com um gesto de cabeça afirmativo e um sussurro de ham-ham.

Depois disso houve alguns segundos de silêncio. Então Edson começou a contar como fora a conversa com Pr. Francisco. Ao final Teresa perguntou:

— E você já tomou uma decisão?

— Antes eu quero saber o que você acha, o que você pensa em fazer.

Teresa olhou bem para o marido, como que tentando adivinhar o que ele decidira e dar-lhe a resposta que queria ouvir. Mas ela precisava falar o que tinha para falar, e não o que o marido queria ouvir.

— Olha Edson, nos primeiros instantes eu pensei que não iria suportar viver uma realidade destas em face à nossa circunstância. Se eu realmente engravidei, certamente não poderemos tentar outra vez, você sabe bem disso.

Também pensei que Deus tivesse sido o responsável por não nos livrar desta coisa horrível, mas o Espírito Santo falou muito ao meu coração nestes dias.

Primeiro, podemos tomar o exemplo de Jó. Você conhece a história melhor do que eu. Jó não tinha feito nada de errado, nem mesmo Deus o tinha abandonado. Foi o diabo que o acusou. O detalhe que talvez tenha passado despercebido por muitos é que Deus confiou em Jó.

Se Jó falhasse, Deus ficaria envergonhado, pois Ele disse que mesmo sendo afligido, Jó não o negaria. Será que nós também não estamos passando pela mesma experiência?

Edson não podia dizer nada porque seu coração estava apertado. Teresa, sofrendo muito mais que ele, estava bem mais resignada e fiel.

— É — concordou o marido. O pastor disse também algo como estarmos sendo alvos das retaliações do Diabo, por causa de sermos guerreiros de oração e intercessão pela cidade.

Teresa guardou silêncio por mais alguns instantes e continuou.

— Se realmente houver uma criança aqui dentro de mim, até posso respeitar a sua decisão, mas acho que o Pr. Francisco foi totalmente usado por Deus para lhe falar o que falou. Se em seu coração ainda não existe amor, dê uma chance ao Espírito Santo de colocar este amor em você.

Mais alguns instantes de silêncio, Edson concluiu:

— Quer dizer que se você estiver grávida, não vai abortar?

— Se você não quiser, eu não quero. Deus vai nos dar forças para superar todo o rancor. Mais além, vai transformar este rancor em amor verdadeiro.

Edson uma vez mais ficou sem palavras. Depois de mais alguns minutos, disse que precisava ir e ficar a sós com Deus. Teresa concordou e disse que estaria orando para que Deus mostrasse ao marido o que de melhor deveria ser feito.

Em casa Edson passou mais algumas horas em oração. Abriu totalmente seu coração a Deus. Relembrou as palavras do pastor e da esposa. Buscou lá no fundo de seu ser o tamanho exato da dor que estava sentindo.

Pensou também em Tonhão, o responsável por todo aquele sofrimento. — Onde será que estaria aquele monstro? — pensou.

De repente, fora como se uma voz falasse dentro dele:

VOCE PRECISA PERDOAR.

Edson levou um susto. Perdoar quem? Tonhão?

De cabeça baixa, sentado no sofá da sala, Edson começou a refletir sobre este perdão. Falava para si mesmo, em pensamentos:

É, você precisa perdoar. O Tonhão vai precisar de seu perdão, mas há outros perdões que você precisa considerar.

Deus é um dos que você precisa perdoar. Não que Ele tenha feito algo contra você, mas é que você o está culpando pelo que aconteceu.

Precisa perdoar a criança. Ela não tem a mínima culpa em nada.

Edson refletiu bastante sobre isso e por fim, deixou-se render pela voz do Espírito dentro de si. Chorando, ele orou:

— Senhor, eu sei que Tu és a extrema essência da bondade. Eu que te peço perdão. Estou disposto a perdoar quem quer que seja, mas vou precisar do Teu Espírito para me ensinar. Estou abrindo meu coração para aprender a amar essa criança como se fosse meu filho. Coloca amor dentro dele.

Naquele mesmo instante Edson sentiu uma presença poderosa em sua sala. Todo o seu corpo arrepiou-se e um temor indescritível tomou conta dele. Imediatamente, caiu sobre seus joelhos e, com o rosto no chão, começou a orar numa língua que não conhecia.

Não ousou abrir os olhos, mas parecia que a sala estava fortemente iluminada. Edson não ouviu ou viu mais nada, mas quando resolveu abrir os olhos, já eram quase nove e meia da noite.

Levantou-se, meio tonto, mas com uma leveza na alma tão grande que ele chegou a gargalhar sozinho. Quando ia pegar no telefone, para ligar para o Pr. Francisco, o telefone tocou.

— Pronto — disse ele.

— Sr. Edson, aqui é o detetive Peixoto. Gostaríamos que o Sr. viesse aqui. O suspeito de violentar sua esposa está detido aqui na delegacia.

— Sim, sim, vou já.

Edson quase não pôde acreditar como Deus se antecipara e o preparou para este momento.

XVIII

Na delegacia, Edson foi informado de que Tonhão se entregou numa delegacia de um cidade no interior do Tocantins.

— De lá telefonaram para nós — disse o detetive — e ai mandamos buscar o elemento. Ele veio com uma conversa de que agora é crente e que Deus mandou que ele se entregasse. É a mesma conversa mole de todo bandido.

— Tenho certeza que desta vez não é assim, detetive — disse Edson enquanto se encaminhava para falar com o detido.

Quando Edson e Tonhão cruzaram olhares, houve um clima meio tenso, mas Edson lembrou-se da experiência maravilhosa que tivera momentos antes com Deus.

— O Sr. é o marido de D. Teresa, não é? — perguntou Tonhão.

— Sou eu mesmo.

— Sei que o se o Sr. pudesse o Sr. me mataria. Eu mereço mesmo morrer. Mas quero que o Sr. saiba que eu não sei o que me deu na cabeça prá “faze” o que fiz. Foi uma coisa do Diabo.

— Eu sei disso.

— Olha seu Edson, sei que o Sr. não acredita, mas eu ‘tô arrependido. Fugi pro Piauí. Lá tem uma tia minha. Depois eu fui prá Tocantins, prá casa de outro tio, que eu não sabia que era crente. Ele me levou na igreja dele e eu aceitei a Cristo. Não preciso “fala” muito sobre isso porque eu sei que o Sr. também é crente e entende bem. Deus me “falo” prá “volta” e me “entrega” prá polícia. Ai contei tudo pró meu tio e agora ‘tô aqui. Quero “pagá” pelo que fiz, mas preciso que o Sr. e sua esposa me perdoem. É só isso que peço.

Edson ficou só ouvindo. Não conseguia dizer uma palavra. Depois de receber as orientações do delegado, foi direto para a casa da do Pr. Francisco. Ele precisava contar tudo o que aconteceu.

Na casa do Pr. Francisco, Edson aceitou a xícara de café oferecida por Cleonice. Aquele café estava muito bom.

Edson contou tudo o que acontecera, como foi a revelação de Deus e o encontro com Tonhão.

— O mais incrível é que eu não senti nada. Não senti pena nem compaixão desse monstro, mas também não senti ódio como pensava que sentiria quando o visse.

— É porque Deus já tinha preparado seu coração. O Senhor mesmo me disse que cuidaria de vocês. Olha — disse o pastor balançando lentamente a cabeça, olhando bem firme nos olhos de Edson — Deus ainda vai fazer coisas tremendas na vida de vocês. Tudo isso é só o começo. Preparem-se porque vocês serão um testemunho fantástico do poder de Deus na vida de todos os que fazem a vontade dele.

— De uma certa forma já está fazendo — completou Cleonice.

—É, já está — concluiu Edson.

Ao se despedirem, Edson disse que bem de manhã iria ao hospital contar tudo para Teresa. — Ela vai ficar muito feliz — disse à porta da sala enquanto saía.

O pastor e a esposa continuaram a conversa em casa, enquanto viam Edson sumindo na ladeira que dava acesso à casa do pastor.

Quando não mais podiam vê-lo, entraram e, com um leve sorriso, o Pr. Francisco comentou com a esposa:

— Olha, não tenho mais dúvidas de que tudo o que vem acontecendo conosco é uma retaliação satânica. Cleonice, você percebeu que desde que intensificamos nossas orações contra o inferno nossas lutas aumentaram?

— Percebi sim. É o que Jesus disse que aqueles que querem fazer a vontade dele serão perseguidos.

— Quando recebi a revelação de que demônios se alimentam de abortos, quase não dormi direito pensando em como poderia falar isso ao Edson e Teresa. Graças a Deus, o Espírito fez isso por mim.

— Amém. E fez melhor do que você poderia.

— Louvado seja Deus.

O pastor passou o braço por sobre os ombros de Cleonice e depois deu-lhe um beijo no rosto, feliz porque Deus estava controlando a situação.

XIX

Era uma noite muito especial a daquele domingo. Pr Francisco esperava a chegada de um outro colega de ministério que viria visitá-los pela terceira vez.

Fora este amigo, Pr. Douglas, que muito lhe ensinou acerca de batalha espiritual e era um profeta de Deus. Por várias vezes Deus revelara coisas fantásticas ao Pr. Douglas, no que diz respeito a batalhas espirituais.

Numa ocasião foi revelado através dele as ações de bruxaria que uma certa mulher fazia para tentar acabar com a vida de muitos pastores de determinada cidade. Deus deu muitas estratégias de guerra e disse, através do Pr. Douglas, como deveriam orar, afim de que aquela bruxa fosse neutralizada.

A mulher usava as mesmas práticas medievais, como caldeirões, poções a base de pedaços de ratos, morcegos, gatos, etc. Ela era uma mulher da classe média, e ao contrário do que podia parecer, não usava práticas afro-brasileiras, como macumba e umbanda.

No entanto era sabido que ela já conseguira destruir a vida de muitos ministros. Era sabido também que ela fora comissionada especialmente para este mister.

Uma das estratégias recebidas pelo Pr. Douglas foi que a igreja deveria estar por 24 horas orando ininterruptamente para que descesse fogo do céu e consumisse os feitiços desta mulher.

A igreja começou a batalha de oração às nove horas de uma sexta feira, e lá pelas 10 da manhã do sábado, um irmão que saíra assim que a reunião acabou, voltou eufórico com um jornal nas mãos, quase sem poder falar.

— Gente! Gente! Olha aqui! É o poder de Deus. Olha que coisa tremenda!

A manchete do jornal dizia:

MULHER É ENCONTRADA MORTA DENTRO DE UM CALDEIRÃO

Como era um desses jornais sensacionalistas, havia foto e tudo. A reportagem dizia que segundo a perícia técnica, a mulher provavelmente caiu dentro da própria “porção” mágica que estava preparando.

A exemplo das antigas bruxas ela usava um desses caldeirões de ferro com capacidade de mais ou menos uns 50 litros.

Pela foto do jornal, ela estava com a cabeça e metade do corpo dentro do caldeirão e quando a polícia chegou, ainda havia fogo fervendo o pouco da “porção”.

Ao final a reportagem dizia: “Ninguém sabe como ela pôde ter caído lá dentro”.

Muitos já estavam acomodados em seus lugares, quando vem chegando Edson, Teresa e a pequena Roberta, nos braços do pai. Aquela era a criança mais querida da igreja, que já estava com três meses. Era uma bela menina e tinha muita saúde.

Edson foi cumprimentar os pastores e depois assentou-se próximo de sua esposa e filha. Eles eram realmente muito queridos por toda a igreja, e o testemunho que deram contribuiu enormemente para o crescimento da igreja. Dentre muitas pessoas que se batizaram por causa de toda a história que os envolveu estavam Fernanda, que agora fazia parte da juventude da igreja. O médico, Dr. Willian Souza, que cuidou da gestação de Teresa e mais um grupo de cerca de oito pessoas que conviveram de perto com o problema.

Tonhão, que ainda estava preso, mas que se tornara um cristão firme, e era um dos principais colaboradores da evangelização onde cumpria pena. Ele foi o responsável pela conversão de mais de 50 condenados, dentre os quais estavam homens considerados de altíssima periculosidade.

Numa vez, em que Edson fora visitá-lo, disse-lhe:

— Olha rapaz, as circunstâncias que trouxeram você aqui foram as piores possíveis. Mas já que Deus fez valer o que diz Romanos 8.28: E sabemos que todas as coisas concorrem para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito, seja uma bênção neste lugar.

Edson aprendeu a amar Roberta como sendo sua filha e Tonhão concordou que assim que saísse da prisão mudaria para Tocantins. Não que não tivesse havido perdão genuíno, mas para que a vida de todos seguisse sem constrangimentos. Foi maravilhoso o modo como Deus agiu no coração de cada um.

O culto começou e foi um período de louvor maravilhoso. Alguns chegaram a dizer que parecia estar no céu.

— Estou vendo anjos dançando conosco nesta noite, meus irmãos — disse Pr. Douglas antes de começar sua pregação.

Durante quase uma hora ele trouxe uma mensagem que edificou a vida de todos. Mas pouco antes do encerramento ele disse:

— Irmãos, sinto que Deus que fazer algo mais em nosso meio. Algo está queimando dentro de mim. Vamos orar e pedir a Deus que ele nos diga o que quer.

O grupo de louvor foi convidado a cantar mais uma música e todos começaram a levantar um clamor. De repente, num momento mui precioso, Deus começa a usar o Pr. Douglas para falar em uma língua que nem mesmo ele conhecia ou verbalizara antes.

Fez-se um silêncio tão grande que só se ouvia o que Pr. Douglas estava dizendo. Foi então que um outro irmão começou a interpretar o que se dizia.

— Vós estais experimentando este momento de grande júbilo. Isso é porque Eu faço grandes coisas no meio de vós, diz o Senhor. Tenho me alegrado com esta igreja, pelo modo como têm levado a cabo a obra que vos estou confiando. Continuem desta forma, e Eu serei convosco até o fim.

Neste momento levantou-se um grande clamor e muitos aleluias encheram o templo. Mas o silêncio voltou ao perceberem que Deus ainda queria falar mais.

— Ainda tenho muito para fazer no meio de vós. Passaste por uma prova muito dura, e fostes fiéis. Por isso digo que aquela que não podia dar a luz será mãe de filhos, e tu, que amaste uma filha que não era tua, como se fosse tua, eu te darei quantos filhos quiseres, para que todos saibam que Eu sou o Senhor, e faço o bem a todos que me amam.

Novamente houve um grande clamor de júbilo, glórias e aleluias. Edson caiu de joelhos e chorava como uma criança. Teresa estava tão perplexa que parecia fora de si. A alegria era tão grande que ninguém queria mais sair dali.

Nunca tinham visto tamanha manifestação de Deus as pessoas que freqüentavam aquela congregação há muitos anos. Tinha gente chorando, outros rindo. Alguns estavam de joelhos, outro literalmente deitados no chão, enquanto alguns pulavam de alegria.

Quando todos se refizeram do momento maravilhoso que Deus proporcionara e o culto se encerrou, vieram congratular-se com Edson e Teresa. Por fim veio também os pastores Francisco e Douglas, que abraçaram o casal, ainda em estado de choque.

— Eu não disse que vocês ainda seriam um canal de bênção muito grande para todos nós? — disse Pr. Francisco.

Edson apenas concordou com um sussurro.

— E você, o que diz Teresa? — perguntou o pastor.

Teresa olhou para o teto, depois para o marido e a filha e virando-se novamente para o pastor, disse calmamente.

— Bem, guardadas as devidas proporções, só posso dizer o que disse Maria: A minha alma engrandece ao Senhor, e o meu espírito exulta em Deus meu Salvador; porque atentou na condição humilde de sua serva. Desde agora, pois, todas as gerações me chamarão bem-aventurada, porque o Poderoso me fez grandes coisas; e santo é o seu nome.